



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAIBA
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS LETRAS E ARTES
COORDENAÇÃO DO CURSO DE LETRAS PORTUGUÊS

BERNARDO DE ANDRADE LIMA RODRIGUES

**POÉTICA DO CORPO: ANÁLISE DA EXPERIÊNCIA GÊNERO
DISSIDENTE DE ANDERSON HERZER EM ‘A QUEDA PARA O ALTO’**

JOÃO PESSOA

2025

BERNARDO DE ANDRADE LIMA RODRIGUES

**POÉTICA DO CORPO: ANÁLISE DA EXPERIÊNCIA GÊNERO
DISSIDENTE DE ANDERSON HERZER EM ‘A QUEDA PARA O ALTO’**

Trabalho de conclusão de curso
apresentado ao Departamento de Letras
Clássicas e Vernáculas da Universidade
Federal da Paraíba como requisito para a
obtenção do título de Licenciado em Letras
- Português, sob orientação da Profª Dra.
Ana Cristina Marinho Lúcio.

JOÃO PESSOA

2025

Catálogo na publicação
Seção de Catalogação e Classificação

R696p Rodrigues, Bernardo de Andrade Lima.

Poética do corpo : análise da experiência gênero
dissidente de Anderson Herzer em 'A queda para o alto'
/ Bernardo de Andrade Lima Rodrigues. - João Pessoa,
2025.

51 f.

Orientadora : Ana Cristina Marinho Lúcio.

TCC (Graduação) - Universidade Federal da
Paraíba/Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes,
2025.

1. Herzer, Anderson. 2. A queda para o alto. 3.
Autobiografia. 4. Poemas. I. Lúcio, Ana Cristina
Marinho. II. Título.

UFPB/CCHLA

CDU 82-94

BERNARDO DE ANDRADE LIMA RODRIGUES

**POÉTICA DO CORPO: ANÁLISE DA EXPERIÊNCIA GÊNERO
DISSIDENTE DE ANDERSON HERZER EM ‘A QUEDA PARA O ALTO’**

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao Departamento de Letras Clássicas e Vernáculos da Universidade Federal da Paraíba como requisito para a obtenção do título de Licenciado em Letras - Português

BANCA EXAMINADORA

Prof.^a. Dr.^a. Ana Cristina Marinho Lúcio (UFPB - DLCV)
(Orientadora)

Prof.^a. Dr.^a. Alyere Silva Farias (UFPB - DLCV)
(Examinadora interna)

Prof.^a. Ma. Maria Gomes de Medeiros (Doutoranda - PPGL/UFPB)
(Examinadora externa)

João Pessoa, 22 de abril de 2025.

Dedico este trabalho a Anderson Herzer,
que mesmo tendo completado o ciclo de
sua vida em terra, não morrerá enquanto
for lembrado.

AGRADECIMENTOS

Esse trabalho não pode ser considerado apenas meu. É constituído por retalhos de todos aqueles que cruzaram, de alguma forma, meu caminho nessa jornada. Agradeço aos que contribuíram com essa pesquisa, direta ou indiretamente, na forma de indicações teóricas ou de conversas jogadas fora num dia qualquer. Todo esse estudo é fruto desses encontros. Assim, agradeço aos amigos que fiz pelos corredores e salas dessa universidade, do início ao fim dessa trajetória, que tenham me apoiado por anos, meses, dias, segundos ou no tempo mínimo necessário para ser também parte da construção da minha história nesse lugar. Agradeço, também, aos amigos que fiz fora daqui, por compreenderem que a realidade às vezes não nos permite tanta companhia. Saibam que estão sempre presentes em minha memória.

Agradeço à minha mãe, pelos sacrifícios realizados para que eu pudesse estar hoje aqui. Mãe, a senhora é inspiração no meio do desespero. É paz, tranquilidade e confiança, sempre me possibilitando enfrentar o que quer que seja, em nome do meu e do nosso crescimento.

À profa. Fabiana, pelos encontros incríveis, que proporcionaram as dúvidas e questões primordiais para o avanço dessa pesquisa. Agradeço por todas as partilhas e pelo carinho sempre muito afetuoso.

À Ana Marinho, professora que me acolheu e direcionou meus passos, da forma como precisava ser feito. Agradeço a liberdade proporcionada durante todos os momentos de orientação, para que minha pesquisa pudesse refletir diretamente tudo aquilo que eu gostaria de escrever.

Agradeço à minha Marie, que, nos momentos de desassossego, sempre me traz de volta a euforia da vida e me mantém encorajado o suficiente para seguir pelos caminhos que me levarão ao destino que anseio. Marie, sou grato por você.

Por fim, agradeço aos meus pela firmeza de continuarem a produzir conhecimento sobre nós, mesmo que não seja fácil, mesmo que não seja socialmente vantajoso. Agradeço não só aos pesquisadores que falam de dentro da academia, mas àqueles produtores de conhecimentos outros, como Herzer foi.

*porque as palavras, se o não sabe, movem-se
muito, mudam de um dia para o outro, são
instáveis como sombras, sombras elas mesmas,
que tanto estão como deixaram de estar; bolas de
sabão, conchas de que mal se sente a respiração,
troncos cortados [...]*

(José Saramago)

RESUMO

Neste trabalho, me proponho a analisar a obra *A queda para o alto*, do jovem poeta Anderson Herzer, considerando os elementos autobiográficos (Lejeune, 2008) escritos em seu *Depoimento* e os elementos poéticos e autoficcionais apresentados na *Parte II* do livro. Sob a perspectiva de um feminismo decolonial (Lugones, 2020) e da teoria queer (Butler, 2018), busco considerar os encontros entre essas teorias (Pereira, 2015), que me permitem analisar, dentro do recorte proposto, questões de gênero, classe e condição social enquanto interno da Febem: elementos constituintes do contexto do autor e que circunscrevem sua escrita. A presente pesquisa esbarra, inevitavelmente, na infeliz realidade do campo literário do qual opto por analisar: além da autobiografia não ser, muitas vezes, considerada ‘literatura o suficiente’ para ser analisada, um autor gênero dissidente que escreve sobre si e sobre sua história não pode ter o direito de ter uma obra literária (Alós, 2021). Nisso, a utilização do gênero autobiográfico surge enquanto importante elemento de construção de uma literatura representativa a uma voz minoritária da década de 1980. Essa voz, repleta de significado, não é reduzida aqui enquanto unicamente narrador ou eu lírico: tanto em sua narração, quanto em seus poemas, há a reverberação da própria voz do autor e seus desejos (Moura, 2024; Salgado, 2018; Pamplona, 2017). Assim sendo, apoio-me nas contribuições também de Amara Moira (2018) e Benjamin Neves (2023), entre outros, para analisar o contexto de vida do autor, refletir sobre suas condições de escrita e sobre a reafirmação constante de sua identidade.

Palavras-chave: Anderson Herzer; A queda para o alto; Autobiografia; Poemas.

ABSTRACT

In this work, I propose to analyze the book *A queda para o alto*, from the young poet Anderson Herzer, considering the autobiographical elements (Lejeune, 2008) written in his *Depoimento* and the poetics and autoficcional elements presented in the *Parte II* of the book. From the perspective of a decolonial feminism (Lugones, 2020) and the queer theory (Butler, 2018), I seek to explore the intersections between these theories (Pereira, 2015), which allow me to analyze within the proposed framework issues of gender, class and the author's social condition as a Febem intern: elements that are part of his context and that construct his writing. This research inevitably faces the unfortunate reality of the literary field from which I choose to investigate: besides the fact of an autobiography not being, in many cases, considered "real literature" to be analyzed, a gender-dissident author who writes about themselves and their story are often denied the right to have a literary work (Alós, 2021). In this context, the use of the autobiographical genre emerges as an important element in the construction of a representative literature of minorities from the 1980s. The voice that conducts the story, full of meaning, is not reduced here to merely a narrator or lyrical self: both in the narration and in the poems, there is a reverberation of the author's own voice and desires (Moura, 2024; Salgado, 2018; Pamplona, 2017). Therefore, I rely on the contributions also from Amara Moira (2018) and Benjamin Neves (2023), among others, to analyze the author's life context and to reflect on his writing conditions as well as on the constant reaffirmation of his identity.

Keywords: Anderson Herzer; *A queda para o alto*; Autobiography; Poems.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	10
1 UM HOMEM JAMAIS MORRE, ENQUANTO SUA EXISTÊNCIA FOR RECORDADA.....	13
1.1 Definições: encontros e desencontros.....	22
2 DECOLONIALIDADE E TEORIA QUEER.....	26
2.1 A quebra com o colonial como estratégia de enfrentamento ao apagamento das produções transmasculinas.....	26
3 MEU MOMENTO CRÍTICO.....	32
3.1 A dança do corpo: despedidas ltuosas e amores transgressores.....	37
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	46
REFERÊNCIAS.....	48

INTRODUÇÃO

Esse trabalho surge, na verdade, a partir de uma longa caminhada ao lado oposto. Caminhada essa, levemente curvada a um dos lados possíveis, tornando real a lógica física que explica o caminhar em círculos, causado unicamente pela leve curvatura de uma reta não-tão-reta. O encontro final-inicial é o mesmo. Antes e agora. É o eu que foi tentar ser um outro, que tenta ser um outro, e que ao fim, ao novo começo, torna a ser ele mesmo.

Digo isso porque essa pesquisa se perdeu no meio do caminho, no lugar sinuoso entre os dois pontos de uma mesma *reta*. Na constante ironia paradoxal que segue a todos os seres, foi nas Letras que perdi minhas palavras. Ou, na verdade, por diversos outros fatores, que encontraram-se cronologicamente ao tempo-quase-exato do curso. Mas na mesma circularidade que rege os ventos, que vão e vem, vem e vão, o tempo regrediu ao início: tornou-se gênese, ponto de partida e chegada, fim e meio e tudo junto. Voltei à origem que tão longe me levou. Abracei, sem ressentimentos ou arrependimentos, o que sempre soube que deveria fazer: escrever, por minhas palavras, sobre aqueles escritores outros, que não são lembrados nem quando a academia se propõe a escrever sobre seus semelhantes.

Escrever sobre esses *outros*, que de tão outros tornam-se *meus*, e escrever sobre *mim*, que de tão *ninguém* me torno *todos* — e *nenhum*, e *cem mil* —, não foi tarefa fácil. Meu encontro com Herzer surge a partir de uma longa pesquisa. Esse estudo se ergue a partir do vínculo catártico provocado por suas palavras e experiências em minhas próprias. A proposta deste trabalho é, além de tudo, dar ouvidos ao que o autor quis contar sobre si, e como isso reverbera em todos nós.

Escolho apresentar, logo no primeiro capítulo, o princípio de tudo: de seu livro e de sua própria história. Anderson Herzer escreve sobre si em um movimento autobiográfico narrativo, que confecciona a primeira parte de seu livro, em afluência direta com a segunda parte, seus poemas. A ideia aqui é falar, inicialmente, sobre Herzer, priorizando a compreensão de seu contexto social de produção e compreendendo sua realidade divergente às normas e aos padrões de gênero da época.

Interligam-se em minha análise os conceitos de decolonialidade e teoria queer, em uma contradição que compreendo, e explico a partir de Pereira (2015). Essas duas ideias, desenvolvidas no segundo capítulo deste trabalho, me permitem perceber e explicitar ao leitor

uma das características que considere, e considero, importante para o melhor entendimento de tudo que me proponho a comentar: o caráter disruptivo de Herzer enquanto corpo político.

No desenvolver do segundo capítulo deste trabalho, intitulado *Decolonialidade e teoria queer*, apresento uma associação possível entre essas duas formas de pensamento, com o propósito de refletir sobre a possibilidade de compreender a quebra direta com o colonial, e com os ideais eurocêntricos de gênero, enquanto um modo de enfrentamento ao apagamento de produções, principalmente literárias, dentro do recorte das transmasculinidades. Compreendendo, portanto, que o corpo de Herzer, indissociável de seu caráter político, é também lugar de ruptura.

Esse caráter disruptivo não aparece apenas quando falamos de Herzer enquanto indivíduo social, que vive e experiencia questões específicas de sua condição. Aparece, também, no Herzer escritor. Desafiando os ideais moderno-coloniais de gênero (Lugones, 2020), o autor não apenas rompe com aquilo que lhe é atribuído ao nascer, a partir de seu gênero imposto. Perturba, também, a mente daqueles que acreditam em uma formalidade forçada, fictícia e não natural de se escrever literatura. Não digo aqui que não deva existir uma teoria por trás do trabalho de escrita. Apenas acredito que o valor de uma literatura não deve ser considerado unicamente a partir das técnicas formais mobilizadas pelo escritor. Seus escritos, principalmente seus poemas, se caracterizam tanto por não privilegiar essas técnicas, quanto por estabelecer uma relação direta entre vida e escrita (Salgado, 2018).

Ao refletir sobre a firme colocação de sua identidade na obra, no capítulo 1.1 deste trabalho, tomo por necessário também pensar sobre as nomenclaturas possíveis de serem utilizadas para se referir à identidade de gênero de Herzer, com o propósito final de, tentando não entrar em uma análise anacrônica, investigar as relações entre sua individualidade identitária e as questões enfrentadas por ele em vida (e em morte).

Nomenclaturas essas que, deixando claro, não se referem unicamente sobre os rótulos possíveis de identificação do autor. Não é sobre caber ou não dentro de uma ou outra etiqueta. Reflito neste estudo também sobre a repetição constante da existência de um *eu* que só se realiza nos limites do *si*, na esperança de poder ser reconhecido e compreendido enquanto aquele que é: Anderson Herzer. Essa vontade aparece desde o início da obra e toma forma já a partir da própria capa do livro, em que é possível que se coloque enquanto Herzer – mas não enquanto Anderson. Por sequência, o autor trilha um caminho em que não existe espaço para outro alguém que não aquele que escolheu para ser. Escreve enquanto *ele*, e se nomeia dessa forma. Assina, por fim, seus poemas como Anderson Herzer.

Para além das ponderações teóricas acerca de sua vida e de seu contexto realizadas nas duas primeiras partes, teço, enquanto último capítulo, considerações voltadas a seus poemas.

Neste último capítulo, tenho como intuito principal a defesa de uma proposição por mim elaborada. Considero Herzer um escritor autobiográfico também em seus poemas, mesmo que essa ideia vá de encontro com o que Lejeune (2008) inicialmente propõe, de considerar apenas prosa enquanto autobiografia (2008, p. 49). A voz que aparece em seus poemas e em sua narração é de Anderson Herzer, e não de um narrador ou eu lírico: Herzer é não apenas autor ou voz distante em sua obra. É, de corpo inteiro, sua narração e sua própria poesia.

Com isso, considero que o estudo de seus poemas precisa, necessariamente, se voltar não apenas aos aspectos estilísticos dos versos, mas na compreensão do autor e de sua vida por completo transcrita naquela estrutura. Ao falar de amor, fala de suas experiências amorosas; ao falar de dor, fala da sua realidade de vida e das situações por ele enfrentadas. Me coloco, na análise poética, a pensar nessa dualidade: considerar os elementos estruturalmente constituintes das estrofes, sejam esses elementos morfológicos, sintáticos ou semânticos, é o que me permite empreender um sentido aos discursos proferidos por Herzer. Assim, a estrutura é considerada tanto quanto outros elementos.

Falei, anteriormente, do vínculo catártico desenvolvido a partir do acontecimento de *A queda para o alto* em mim. Justifico, então, a existência dessa pesquisa a partir desse acontecimento. Não poderia escrever sobre outra coisa que não sobre ele. Sobre nós.

1 *UM HOMEM JAMAIS MORRE, ENQUANTO SUA EXISTÊNCIA FOR RECORDADA*

Anderson Herzer, nasceu em 10 de junho de 1962, na cidade de Rolândia, interior do Paraná, no sul do país. Filho biológico de Lurdes da Silva Peruzzo e Pedro Peruzzo, irmão de Tânia e Rosana, recebeu, aos três ou quatro anos de idade, a notícia do assassinato do seu pai, dentro de um bar de sua propriedade (Herzer, 2023, p. 32). Com a nova realidade de vida, Herzer relata sobre a descoberta de que sua mãe “era uma mulher vulgar” (Herzer, 2023, p. 33). Apesar de não se aprofundar nessa questão, Herzer revela ainda as saídas de sua mãe, todos os dias, ao pôr do sol, enquanto ele e suas irmãs permaneciam trancados e, muitas vezes, passavam fome. A construção desse discurso sugere que a mãe de Herzer trabalhava como prostituta, embora essa informação não seja explicitamente revelada. Posteriormente e, após mudarem de cidade e viverem principalmente sob a guarda da avó paterna, os irmãos Peruzzo escutam, do portão de casa, a chegada de colegas de sua mãe, anunciando que chegaram de seu enterro, em São Paulo.

A partir de então, a vida de Anderson segue por novos caminhos, sendo adotado por seus então tios, nomeados na obra apenas como tia A. e tio B. (Herzer, 2023, p. 35). Com essa nova realidade, o autor passa a utilizar o nome Herzer, sobrenome da nova família. Apesar das mudanças vividas, continua a sofrer uma série de violências: a morte sangrenta de seu cachorro Rex, brigas na escola, abuso de álcool, drogas e a configuração problemática da sua nova família, com traições e assédio praticados por seu pai adotivo. Essa realidade empurra Herzer para uma vida por entre unidades educacionais para jovens infratores.

Os dados acima descritos foram retirados de sua primeira e única publicação, “A queda para o alto” (1982), razão da construção desta pesquisa. Herzer, no dia 09 de agosto de 1982, atirou-se de um viaduto e como relata Eduardo Suplicy, “faleceu às 09:30 horas da manhã de 10 de agosto de 1982” (Suplicy, 1982, p. 17). Meses após sua morte, seu livro foi publicado.

Explico que utilizo aqui certos termos a fim de facilitar o entendimento do leitor, apesar de não concordar, em totalidade, com algumas das ideias que podem surgir a partir de seus usos. Anderson se coloca em sua obra enquanto homem, apesar de não ser lido socialmente dessa forma. “Nasceu mulher” é o discurso mais reproduzido para explicar sua condição biológica. Esse dado biográfico é ponto importante na sua história, claro, mas não resume sua existência.

Seu livro narra a experiência vivida em diversas unidades da Febem – Fundação do Bem-Estar do Menor, hoje chamada de Fundação Casa – em São Paulo, durante sua adolescência, dos 14 aos 17 anos, essa é a perspectiva principal relatada na sua obra.

Sua primeira internação citada foi na Comunidade Terapêutica Enfance (CTE), pouco tempo depois de entrar no mundo da bebida, aos catorze anos, em um bar-lanchonete perto de sua casa, em São Paulo. Herzer (2023) relata como sentia-se feliz com o efeito do álcool e como não imaginava que aquilo se tornaria um problema: “Não sabia então que, nos caminhos que levavam àquele mundo perdido, eu iria me perder cada vez mais, e com menos possibilidade de retorno.” (2023, p. 45). Ainda no mesmo capítulo, o autor narra seu primeiro contato com as drogas e apresenta uma incoerência até cômica:

A ironia das situações deve ser, neste ponto, colocada: por estranho que pareça, devo ressaltar o paradoxo. Apesar de tudo, naquela lanchonete, eu nunca havia provado nenhuma droga, mas a Comunidade Terapêutica Enfance não me guardou desse obstáculo. (Herzer, 2023, p. 46)

Junto a um grupo de adolescentes, experimentou pela primeira vez um comprimido, chamado de *Optalidon*¹, na CTE. Em sua primeira saída da unidade, Herzer compra, pela primeira vez, os comprimidos e é tomado por seus efeitos: à noite, é entregue de volta à CTE por seus pais, mas traz consigo ainda mais comprimidos, o que garante a sua expulsão e a de outros quatro menores (Herzer, 2023, p. 46-47).

Após sua expulsão, Herzer volta para a casa de seus pais ainda tendo que lidar com seu problema com o álcool, sendo necessária – de acordo com sua família –, sua internação no Instituto Eldorado de Repouso, onde realizou alguns exames e foi liberado após três semanas, prometendo a seus pais que pararia com a bebida e com as saídas noturnas. Apesar das promessas, o vício foi maior que a vontade de fazer diferente e, uma manhã, depois de chegar em casa dos festejos noturnos, Herzer é acordado com a presença de um policial, pronto para levá-lo à FEBEM. O autor, ao narrar esse trecho de sua vida, nos mostra uma prévia do que estava por vir: “Febem... Um encontro direto com a marginalização!” (Herzer, 2023, p. 49).

Herzer opta por relatar, antes de iniciar seu depoimento de dentro da FEBEM, um desgosto profundo enfrentado em família, do qual considera justificar suas três internações: sofreu, por parte de seu pai, uma violência – foi tocado por “mãos que eram tão dóceis e tão

¹ Medicamento composto por analgésico, calmante e estimulante. Servia, em teoria, ao tratamento de diversos tipos de dores. Na década de 1980, era comumente utilizado como droga recreativa, por proporcionar uma sensação de bem-estar, ao mesmo tempo que causava agitação.

paternas”, mas que “tornaram-se imundas e nojentas” (Herzer, 2023, p. 56), revelando o assédio sexual sofrido na própria casa.

Na FEBEM, Herzer passa quatro dias na Unidade de Recepção (UR) e é transferido para a Unidade Educacional Maria Auxiliadora (UE 3), de onde relata a superlotação, o mau cheiro, o medo, comum a todos, o vazio e o nada da unidade (Herzer, 2023, p. 63-64).

Vale frisar aqui que toda a obra de Herzer tem um forte cunho político de denúncia às unidades em que passou e seus chefes e diretores. Como o autor mesmo coloca, a UE 3 abrigava cerca de 200 menores, muito mais do que sua capacidade e cada um com seu modo único de agir e pensar:

A Febem cuida de menores infratores, menores deficientes, menores abandonados, menores que são recolhidos tarde da noite nas ruas; no final é evidente que não se consiga fazer nada por nenhum deles, pois essa mistura de pessoas transforma todos num só grupo, e não em grupos de deficientes, de abandonados, de menores trazidos das ruas, apenas um grupo de menores marginalizados. (Herzer, 2023, p. 68)

Sua reflexão se volta justamente ao caráter de cárcere que a Fundação adota, sem o propósito final de ressocialização ou cuidado com o bem-estar dos adolescentes, por justamente não considerar suas diferenças: “[...] ao contrário do que muitos pensam, a Febem não tem, pelo menos por enquanto, condições ou meios de recuperação, devido a diversidade de hábitos próprios de cada menor” (Herzer, 2023, p. 68).

Apesar da essência delatora de seu discurso, Herzer apresenta em sua escrita também muitos de seus casos amorosos dentro das unidades em que passou. Casos esses que o faziam retornar ao cárcere logo após ser solto, com o pensamento único na liberdade proporcionada pelo encontro real com o sentimento, aqui verdadeiramente libertário, do amor. Entre idas e vindas, Herzer se descobre e se reafirma a cada página, quando, por exemplo, fala que “foi uma grande descoberta saber que para se ter uma mulher, para se vestir como um homem, não seria necessário ser um” (2023, p. 73), ou que “Dentro de mim tinha um grande desejo de ter nascido menino” (2023, p. 73), ou ainda que “Aquilo me cativou desde o início. [...]; era como se eu tivesse desabrochando naquele instante” (2023, p. 73). O encontro de Herzer com sua verdadeira essência é, muitas das vezes, retratado a partir de seu encontro com uma figura feminina: por vezes Vera, por vezes Rosana. O fato é que o narrador traz essas experiências como centrais em sua descoberta, especialmente ao dizer que “Durante aquelas carícias [...] eu sentia a vida bem próxima a mim, beijava e abraçava Vera, como se eu estivesse abraçando

minha existência” (2023, p. 80) e que “finalmente, eu havia me encontrado e conhecido uma parte de mim, antes bloqueada pelos outros” (2023, p. 80). Essas experiências marcam Herzer de modo a aparecerem também em dezenas de seus poemas publicados. Com traços de melancolia, saudade, lembranças e rememorações das experiências amorosas que teve enquanto interno, *Sedução* (p. 197), *A espera* (p. 198), *Este nosso amor* (p. 204), *Poesia-passagem* (p. 207), *Você, sempre você* (p. 211), *Adeus escuro prazer* (p. 214), *Encontrei-te* (p. 215), *Um além para este amor* (p. 221), *Canto de amor* (p. 224), *Amordaçado em você* (p. 228), *Só pra ela voltar* (p. 229), *Ah, este amor!* (p. 231) e *A mulher composta de pureza* (p. 236) são apenas alguns dos poemas de seu livro em que é possível perceber a presença de elementos que constituíram as experiências amorosas do autor.

Herzer se definia enquanto um “jovem poeta”, como apresenta Eduardo Suplicy em seu prefácio (1982, p. 18). Escrevia desde os 12 anos e teve realizado o seu desejo de publicação de seus poemas a partir do encontro propiciado pelo então Deputado Estadual Eduardo Matarazzo Suplicy, em 1980, que o apresentou à Editora Vozes, representada na pessoa de Rose Marie Muraro. Aqui vale destacar que o autor, inicialmente, contava apenas com seus poemas escritos, entregues ao deputado em um envelope para que fossem guardadas até sua liberdade (Herzer, 2023, p. 180). Como explicado por Herzer e dito por Moura (2024) “o poeta temia a intenção da FEBEM em publicar os seus trabalhos e do possível uso que a instituição poderia fazer destes” (2024, p. 87).

A partir desse encontro inicial, surge a ideia, por sugestão de Rose Muraro, de que seus poemas fossem publicados em conjunto com a sua história. Assim sendo, Herzer passou os dois anos seguintes dedicado à escrita de sua autobiografia, a fim de, como ele mesmo coloca, transpor neste livro as fases de sua vida.

O livro é então composto por duas partes distintas, mas que se entrecruzam em escrita poética e autobiográfica da vida de seu autor. A primeira parte, intitulada “Parte I - Depoimento”, conta com uma narração, em primeira pessoa, da história de vida de Herzer, com “relatos da infância do autor em Rolândia - PR e suas vivências na FEBEM - Fundação Estadual para o Bem-Estar do Menor, em São Paulo.” (Costa, 2022, p. 10). Passando da sua primeira infância até sua juventude, a voz narrativa conta experiências trágicas e também afetuosas vividas pelo autor do início ao fim de sua, infelizmente, breve existência. A segunda parte da obra é um compilado de quarenta e quatro poemas de sua autoria, que apresentam uma visão singular de vivências, reflexões e envolvimento românticos experienciados ao longo de sua vida.

A obra possui três prefácios: dois de Eduardo Suplicy, um da primeira edição, de 1982, e outro da 25ª edição, de 2007 e um último prefácio de Lia Junqueira, Presidente do Movimento em Defesa do Menor, de 1982. Além dos prefácios, a obra possui um texto escrito por Eduardo Suplicy e publicado no Jornal Brasil em 2006, e duas cartas escritas pelo deputado: uma delas encaminhada ao diretor da Unidade da Febem de Vila Maria da época, Dr. Humberto Marini, solicitando a saída de Anderson Herzer para trabalhar em seu gabinete, e a segunda direcionada ao Juiz de Menores Titular da Capital com a mesma solicitação.

A amizade entre Herzer e o deputado surgiu após um episódio violento na Febem, que ativou o medo de Herzer a respeito do roubo de seus poemas. A unidade, representada por seu diretor, chamado por ‘Sr. Humberto’, queria publicar poemas de sua autoria em nome da Febem, com a justificativa de que não era possível lançar o livro em seu nome enquanto permanecesse na unidade. A partir desta situação, Anderson procura Lia Junqueira, e no mesmo dia encontra o então Deputado Estadual Eduardo Matarazzo Suplicy, que também fazia parte do movimento.

Herzer (2023) conta que, em suas conversas, o deputado o “olhava profundamente nos olhos” (2023, p. 178) e falava consigo de modo sereno, lhe trazendo segurança. Essa característica acolhedora contrasta com as experiências anteriores de Herzer com outras pessoas que passaram por sua vida, fazendo com que ele desenvolvesse um enorme carinho por Suplicy, chegando até a ver nele uma figura paternal:

Para resumir o que tanto tento dizer, sem querer ofendê-lo, é que você é aquela linha que a maior parte das pessoas têm na vida, mas na minha vida o destino já se intrometeu duas vezes e apagou o que estava escrito, a linha onde se escreve o nome do nosso pai. (Herzer, 2023, p.184)

Suplicy se torna representante do menor, tomando para si a responsabilidade de lhe prover um emprego e condições possíveis para sua subsistência fora da Febem. Com isso, Herzer é convidado a trabalhar como estagiário no gabinete do deputado, na Assembleia Legislativa. Como já comentado anteriormente, é apresentado a Rose Marie Muraro, da Editora Vozes, que promete a publicação de seu livro.

Seu prefácio, escrito pelo deputado, traz comentários gerais sobre a vida de Herzer, inclusive sobre um acontecimento em específico que aqui me interessa discutir, para refletir o modo como a sociedade, ao perceber uma variação, por mínima que seja, nos padrões da gênero-normatividade, limita o lugar da margem para pessoas como ele. No ano anterior ao de

sua morte, Herzer participou de um concurso para um cargo efetivo na Assembleia Legislativa e não foi aprovado. Franco Junior (2008, p. 240) destaca esse dado enquanto singularizador da trajetória de Anderson no percurso narrativo do livro e de sua vida.

No prefácio do livro de 1982, que abre a 26ª edição, utilizada nesta análise, Eduardo Suplicy nos apresenta suas concepções sobre o *esquecido poeta morto*². Vale destacar, aqui, que a construção do discurso de Suplicy parte, inevitavelmente, do contexto social da época.

Em sua escrita, o deputado revela ao leitor uma parte da vida de Anderson que ele escolhe não narrar em sua obra: seu encontro e romance com um rapaz. Não se sabe se por motivos outros, mas Suplicy coloca que sua escolha de não contar sobre este episódio de vida partiu da vontade do autor de não querer mais lembrar-se de “se sentir mulher”. (Herzer, 2023, p. 13). Por alguma razão, existe uma necessidade de se justificar as escolhas realizadas por Herzer em sua obra. Tais justificativas (quase) nunca se alinham a ideia de si que o autor constrói: partem, unicamente, como diz Amara Moira (2018) do “esforço de manter suas próprias identidades a salvo” (2018, p. 4), no caso das identidades de quem escreve a abertura do livro, se valendo de uma narrativa que o autor tem todo o direito de ocultar, como bem explica.

É interessante refletir também sobre as suposições realizadas a respeito da realidade identitária de Herzer. Suposições essas que buscavam responder ao mistério de sua “transformação”. Suplicy acreditou que provavelmente o desaparecimento de seu namorado teria contribuído para sua transformação de personalidade; já Lia Junqueira concebe a ideia de que a tristeza que consumiu Herzer fez com que ele decidisse se tornar ‘Bigode’. (Herzer, 2023, p. 13). As reflexões andam lado a lado e não reconhecem a possibilidade de ser quem é apenas por ser, mas enquanto resposta de um trauma anterior.

Essa discussão perpassa a história narrada e é disseminada ainda hoje, ao passo que existe, em nossa e diversas outras sociedades, uma grande confusão sobre as identidades que fogem à heterocisnormatividade³. Como pontua Berutti (2012) “a trajetória de Herzer abre espaço para a discussão de dois termos que são bastante confundidos de modo geral – orientação sexual e expressão de gênero.” No caso da primeira categoria, de orientação sexual, é necessário compreendê-la como algo principalmente ligado ao outro, ou seja, deve-se pensar no envolvimento romântico e/ou sexual na escolha de um(a) parceiro(a). (Berutti, 2012, p. 22) Enquanto isso, a expressão de gênero diz respeito unicamente ao modo

² Poema de Anderson Herzer presente na página 209 de seu livro, “A queda para o alto”.

³ Norma padrão dos comportamentos de gênero e sexualidade.

como a pessoa manifesta socialmente seu gênero, seja seguindo os padrões sociais impostos ou não.

A partir do entendimento de tais diferenças, é possível facilmente conceber então a ideia de que uma pessoa fora das normas do gênero feminino, este que lhe foi imposto ao nascer, e que adota em vida uma performance masculina de identidade, possa se interessar, amorosa e sexualmente, por um homem. Dito isso, considero necessário rememorar o comentário de Amara Moira (2018) em seu artigo: “se de fato existiu [um interesse amoroso masculino], Herzer com todo o direito decidiu ocultar” (2018, p. 04).

Ainda no prefácio, para comentar sobre o dia 9 de agosto, dia em que Herzer pulou do Viaduto 23 de maio, o deputado inicia o parágrafo com a seguinte frase: [...]“como eu sempre a chamara, embora ela preferisse ser Anderson.” As reticências aqui substituem o nome de registro de Herzer, por motivos mais abaixo justificados.

Explico brevemente, para que seja possível compreender os levantamentos aqui propostos, sobre dois elementos importantes para Herzer e para toda uma comunidade. ‘Nome de Registro’, termo que aqui utilizo, se refere ao primeiro nome dado e registrado oficialmente para se referir a alguém. Vale lembrar que uma pessoa que já passou pelo processo de retificação de documentos para utilização de seu nome desejado em documentos oficiais, passa a ter como nome de registro seu nome escolhido. Esse não foi o caso de Herzer, que adota em vida o que pode ser compreendido enquanto ‘nome social’, que é o novo prenome adotado por pessoas, principalmente dissidentes de gênero, que não se reconhecem inteiramente pelo nome que receberam ao nascer. O nome social tem, portanto, grande importância na reafirmação de uma identidade, sendo importante que seja reconhecido e respeitado.

Em seu artigo, anteriormente mencionado, Amara Moira (2018) também opta por rasurar as menções ao antigo nome de Herzer. Ela diz ainda que:

A rasura do que vai entre colchetes na citação deve-se ao fato de que a informação, além de ser desnecessária, também nos violentar, o que não impede que esse dado siga exercendo fascínio em quem não é nós. Para nós, esse dado é um fantasma, palavra sempre lembrada quando nos querem ferir, acuar: qual o seu nome de verdade, o nome que diz quem você é? (2018, p. 4)

Por opção própria, de caráter político e pessoal, opto por não utilizar em momento algum no presente trabalho o nome de registro do autor trabalhado, por compreender a necessidade de respeitar a escolha que ele fez em sua obra e em vida, reafirmando-se, desde o

início de sua escrita, a partir do uso de pronomes e prenome masculino. Aqui, busco diferenciar este trabalho de alguns outros, anteriores, que insistiam na desconsideração de suas vontades de forma tão imoderada, que frases como “Herzer trata a si mesma no masculino” (Franco Junior, 2008, p. 246) foram escritas e publicadas, apesar de absurdas em sua construção.

A mesma desconsideração é percebida também na escrita de Suplicy, tanto para o primeiro prefácio da obra, em 1982, quanto para o último, de 2007, quando traz os seguintes comentários, se referindo a Herzer no feminino: “Ela só queria que as pessoas fossem humanas” (1982, p. 11); “[...] só a liberaria se alguém se responsabilizasse por ela” (1982, p. 11); “[...] responsabilizei-me por ela perante o juiz” (1982, p. 13) e “[...] contando o que eu sabia a respeito dela” (2007, p. 9); “De como a conheci quando ela ainda estava na Febem; de como ela veio trabalhar em meu gabinete como estagiária [...]” (2007, p. 9). Apesar do descumprimento às vontades de Herzer em ser referido de determinada forma, muito do discurso de Suplicy, inclusive em mencionar e reconhecer o fato de que o autor tinha outras preferências, revela que ele admitia as “expressões plurais de sexo/gênero” de Herzer (Costa, 2022, p. 40).

Compreendo que os comentários de Eduardo Suplicy talvez coubessem à época em que foram escritos, e não traria aqui essa crítica se não pudesse observar a reverberação desses discursos em críticas mais atuais da obra e em muitas outras situações similares, como, por exemplo, traz Caio Costa (2022), ao apresentar vários pronunciamentos do deputado no Senado Federal, a partir dos anos 2000, em que fala sobre Anderson, sua obra e seus poemas: “Percebemos a prevalência da linguagem flexionada no feminino e o uso do nome de registro de Herzer, ainda que seu nome social, isto é, o nome pelo qual ele era reconhecido e tratado em seu cotidiano, quase sempre acompanhe o de registro” (2022, p. 42).

Para além de Suplicy, outros cometem o mesmo erro. Gonçalves (2015) comenta: “Nascida em 1962, em Rolândia, interior do Paraná, com o nome de [Nome de registro], ela perdeu [...]” (2015, p. 1). Esses deslizos, pelo que pude perceber, ocorrem pelo fato de os pesquisadores considerarem necessário separar partes da vida de Herzer a partir da dicotomia de feminino e masculino. Considero, para efeitos gerais, que Anderson Herzer sempre foi Anderson Herzer, mesmo que por algum outro tempo tenha utilizado de outro nome para se referir a si.

Para aqueles que não aparentam deslizar em suas escolhas lexicais, como Leocádia Chaves (2017), mas optam efetivamente pela utilização de pronomes femininos e no nome de

registro de Herzer, de modo a construir sua pesquisa a partir da ideia de ‘tornar-se homem’, considerando a mesma dicotomia anteriormente citada: digo que entendo a proposta, apesar de não concordar com ela.

Interessante destacar que esse discurso dificilmente se reproduz quando quem escreve a crítica é também uma pessoa gênero dissidente. Amara Moira (2018), Benjamin de Almeida Neves (2023), Caio Jade Puosso Cardoso Gouveia Costa (2022) e Thales Gabriel Trindade de Moura (2024) são alguns dos autores e autora que utilizo neste trabalho, e são exemplos de cuidado no tratamento às vontades de Herzer, apesar de alguns ainda acreditarem, em suas pesquisas, ser necessário o uso do antigo nome de Anderson para explicar algumas questões iniciais.

Trago, então, a discussão para pensarmos sobre violências perpetradas a partir do uso desse substantivo, carregado não apenas de variação de gênero morfológica, mas social.

Já nas páginas iniciais de sua escrita, é possível perceber o movimento ondedo de Herzer com relação ao seu nome. Arnaldo Franco Junior diz, em seu artigo *Experiência autoritária e construção da identidade em A queda para o alto, de Herzer*, presente na Revista Brasileira de Literatura Comparada, n.12, 2008, que “o trânsito entre nomes próprios é um traço relevante no livro de Herzer” (Franco Junior, 2008, p. 241), que inicia sua obra com o sobrenome “Peruzzo”, passado para si de seus pais biológicos, logo após torna-se Herzer com a adoção pelos seus então tios, e posteriormente adota o uso de seu nome social Anderson Herzer, como assina diversos poemas, ou bigode, como também era chamado.

Anteriores até ao prefácio do livro, algumas decisões editoriais são feitas de modo a contribuir para o apagamento do nome e identidade adotados por Herzer. Em sua Nota D.R. - Direitos Reservados, nos é revelado que o livro foi apresentado à publicação por sua irmã, e ela, junto com quem comparecer juridicamente como sucessor do autor (referido como ‘autora’), detém seus Direitos Autorais.

Essa realidade apresentada me fez questionar a escolha da Editora Vozes por apresentar em sua capa apenas o sobrenome “Herzer”, embora o autor, em muitas oportunidades durante a narração e até na assinatura de seus poemas, nos revela sua escolha: é Anderson Herzer. Qual seria então a intenção do sistema em não reconhecer seu nome próprio?

Retomando o pensamento de Amara Moira (2018), permitir que Anderson se chame assim, e mais, leve este nome na capa do seu livro é dar “poder demais para uma pessoa só”. A quem interessaria ceder a um autor de si tanto poder? A autora diz ainda que:

[...] permitir que ele se chame assim pode pôr todo um sistema de nomeação em xeque. O poder de renomear-se é o poder de romper com a norma, em especial quando esse re-nome desdiz o gênero que, com base em seu genital de origem (“de origem”, pois lembremo-nos sempre das cada vez mais comuns cirurgias de redesignação sexual), lhe impuseram. (Moirá, 2018, p. 4)

Explica-se, assim, a escolha realizada. Prossegurei então pensando sobre essa identidade forçadamente colocada à invisibilidade.

1.1 Definições: encontros e desencontros

Mesmo que Herzer não traga de forma clara uma definição para sua identidade, é possível dizer que ela parte de um lugar divergente à norma. Moura (2024) reflete que ele “foi capaz de se auto perceber enquanto identidade dissidente de gênero em um momento em que nada se falava sobre isso no Brasil” (2024, p. 126).

De fato, as discussões sobre questões de gênero-dissidência no período histórico de produção dessa obra, e mais especificamente no contexto brasileiro, não existiam de forma consistente. Como relatam em sua pesquisa, que reúne notícias jornalísticas a partir de diversas fontes, Tenório e Palhano (2022) afirmam o pouco conhecimento que se tem, historicamente, sobre homens trans⁴ nos séculos passados.

Sendo assim, não se pode definir, nos dias atuais, a identidade de alguém que não se definiu enquanto algo específico em vida. Ao considerar os fragmentos possíveis de serem encontrados nas notícias analisadas em sua pesquisa, Tenório e Palhano (2022) dizem que:

Algumas destas notícias publicadas nos jornais no século XX relatam casos difíceis de identificar se há uma identidade trans em função do conjunto de informações repassadas. Alguns destes casos podem representar uma série de possibilidades diferentes às das transidentidades. Por exemplo, mulheres que incorporaram a identidade masculina no intuito de trabalharem e circularem livremente na sociedade; ou para repelir homens, já que não os desejavam; ou para casar com outra mulher e passarem para a sociedade a imagem de um casal heterossexual; ou simplesmente mulheres mais masculinas. (2022, p. 81)

Insisto aqui que, apesar de colocar para discussão tais questões, a leitura de gênero de Herzer enquanto homem transsexual, transmasculino ou qualquer outra variante é realizada

⁴ No presente estudo, a palavra ‘trans’ será usada como termo guarda-chuva para as ideias de transgêneridade, transsexualidade, transmasculinidade e outros semelhantes.

com base em uma percepção atual. O autor, em sua obra, não se reafirma enquanto homem trans ou qualquer outro sinônimo para essa palavra, como fazia, por exemplo, João W. Nery, “filho da classe média carioca, psicólogo de formação, com pai perseguido pela ditadura e convívio desde a infância com importantes intelectuais” [...] (Moirá, 2018, p. 4), que lança sua autobiografia, *Erro de pessoa - Joana ou João*, dois anos depois da publicação de Herzer, e, como coloca ainda Amara Moira (2018), muito mais consciente do que representava, enquanto homem trans.

Se analisadas comparativamente, podemos colocar que as duas obras passam por estradas diferentes de autopercepção. A realidade de vida de Herzer em nada se assemelha a de Nery, por partirem de lugares e classes sociais bastante distintas. A construção identitária do autor aqui analisado esbarra na sua realidade de vida, considerando sua infância e seio familiar, não sendo possível ser outro se não o que já foi. Anderson então renega a identidade a ele imposta e constrói para si uma outra, masculina e mesmo que cheia de estereótipos, seguindo a ser “estigmatizado como um sujeito desviante [...]” (Chaves, 2017, p. 64). Chaves levanta ainda uma indagação: “quais percursos restaram para ele, que não se sucumbiu a esta ordem sócio-moral e decide transitar do gênero feminino para o masculino, podendo ter sua identidade de gênero ser “lida”, na atualidade, como a de um transexual?” (2017. p. 64).

No trânsito de sua identidade, Herzer enfrenta, além de muitos outros, um problema: como conseguir um emprego formal se duvidam assim de sua identidade? Um rapaz com nome de mulher? Sendo assim, justifico o uso da nomenclatura ‘transmasculino’ a seguir, como forma de simplificar a ideia de gênero dissidência experienciada por ele, que embora não tenha nascido desta forma, assume para si uma realidade masculina, para que possamos pensar sobre os processos de exclusão do homem trans/pessoa transmasculina no campo de trabalho.

Como Neves (2023) relembra, “Os empregos que Herzer arrumou eram todos temporários e só aconteceram em um período de sua vida, em que conseguiu sair da FEBEM e ficou morando em um pensionato.” (2023, p. 108). A partir disso, é possível pensar sobre a realidade empregatícia dificultosa enfrentada por aqueles como Herzer, que embora tivesse, como coloca Suplicy, boas habilidades de escrita e datilografia, não consegue um cargo que não seja comissionado.

Com o propósito de pensar de maneira mais clara sobre esta situação, considero necessário atribuir a Herzer um rótulo que reflete, de certa forma, a leitura social que ele era percebido à época e a que mais faz sentido de ser considerada nos dias de hoje, que é uma

identidade transmasculina. Assim sendo, podemos refletir sobre empregabilidade dentro desse recorte.

Para analisar objetivamente a realidade do campo de trabalho de homens transsexuais, Benjamin de Almeida Neves (2023) pondera, inicialmente, sobre um ponto chave: por que se acredita que homens trans têm uma maior taxa de escolaridade se comparados a outras pessoas trans? Com essa indagação, que abre um sub-capítulo de sua tese, o autor nos apresenta dados de duas pesquisas principais que subsidiam a discussão. A primeira é um relatório de 2015 do projeto intitulado “Transexualidades e Saúde Pública no Brasil: entre a invisibilidade e a demanda por políticas públicas para homens trans/transmasculinos” desenvolvido pelo NUH e o DAA/UFGM (2023, p. 100). Analisando seus dados comparativamente aos dados do relatório de 2021 produzido a partir de uma parceria entre o Instituto Brasileiro de Transmasculinidades (IBRAT), a Revista de Estudos Transviades e o Instituto de Raça e Igualdade e “com as vivências dos meus coautores.” (2023, p. 100), Neves discute, principalmente, questões referentes “à formação/educação formal de homens trans” (2023, p. 100).

No capítulo 5, ‘Aspectos socioeconômicos, culturais e familiares’ do relatório ‘A dor e a delícia das transmasculinidades no Brasil: das invisibilidades às demandas.’ da Revista Transviades, reflete-se sobre o perfil de quem responde aos questionários que trazem os dados analisados. Como colocam Pfeil e Lemos (2021):

[...] são, em sua maior parte, pessoas que se identificam como homens trans, brancos, de 19 a 25 anos de idade, sem deficiência, heterossexuais, solteiros, de naturalidade brasileira, residentes de zona urbana metropolitana (principalmente São Paulo e Rio de Janeiro), que não moram em comunidade/periferia, cuja renda familiar ultrapassa os 2000 reais e que não tem renda individual. Nota-se que essas pessoas moram majoritariamente com a família e que a grande maioria é estudante e não professa nenhuma das crenças e/ ou religiões apresentadas no mapeamento. Esse é o perfil de pessoas transmasculinas que o mapeamento mais alcançou. Não pretendemos, com isso, construir uma imagem padrão das transmasculinidades, mas discutir o alcance do mapeamento; pois saber quem o preenche também diz respeito a quem tem acesso aos meios que o disponibilizam. (2021, p. 41)

A partir dos dados obtidos nestes relatórios, o autor reflete sobre questões de formação educacional e sua relação com o mercado de trabalho, dentro do recorte de homens trans e pessoas transmasculinas. Em sua tese, Neves pensa também sobre o processo chamado por

Luma Nogueira de “evasão involuntária”, e em como o desrespeito às identidades gênero dissidentes culmina na realidade da evasão escolar.

De modo a comparar essa realidade com a enfrentada por Anderson Herzer, relaciono a ideia de evasão escolar à evasão de muitos outros espaços, a ele negados, por sua condição disruptiva aos padrões de gênero. Como já mencionado anteriormente, à Herzer foi negado o direito de ocupação de um cargo público efetivo na Assembleia Legislativa, pois os responsáveis pela seleção duvidaram de sua identidade: “Um rapaz com o nome de [nome de registro]?”

É possível (e honesto) pensar enquanto privilégio ser lido socialmente de uma forma, se certas coisas, essas imutáveis à época e à realidade de vida, continuaram perpassando aquele corpo? Considerando a situação enfrentada, a leitura social masculina não concedeu a Herzer benefício algum: pelo contrário.

Torno a pensar sobre o questionamento inicial de Neves (2023), levantado no último capítulo de sua tese: é justo considerar como correta a narrativa comumente disseminada de que homens trans possuem algum tipo de vantagem social se comparados com, por exemplo, outras pessoas trans da comunidade? Alinho minha conclusão ao pensamento final do autor: “[...] generalizar as narrativas educacionais e empregatícias de homens trans como sendo mais fáceis que a das mulheres trans e travestis ou como inexistentes é desonesto” (Neves, 2023, p. 100).

Apesar de ter faltado uma formação educacional protocolar, à Herzer nunca faltaram as palavras. Analisarei-as no último capítulo. A seguir, busco refletir historicamente sobre as raízes do apagamento dessas identidades, inclusive no espaço literário, propondo uma forma de pensar também nas interseccionalidades possíveis.

2 DECOLONIALIDADE E TEORIA QUEER

2.1 A quebra com o colonial como estratégia de enfrentamento ao apagamento das produções transmasculinas

Relaciono aqui diretamente o discurso de Grada Kilomba, escrito no prefácio da obra *Pele Negra, Máscaras Brancas*⁵, com o apagamento enfrentado por autores compreendidos dentro do recorte transmasculino de gênero: “quem tem pouco ou nenhum poder é caracterizado assim, na ausência. Na inexistência.” (Kilomba, 2020, p. 15)

Apesar de trazer em sua contribuição um pensamento recortado dentro dos valores interseccionais de gênero e raça, a fala de Kilomba (2020) pode ser considerada essencial para a compreensão do apagamento sofrido por aqueles-outros, gênero dissidentes, que não detêm algum poder social. A condição de ausência ou inexistência impostas, seja no campo educacional, empregatício ou literário, faz parte de um modelo de pensamento hegemônico que visa manter em sociedade produções que se alinhem unicamente àquelas elaboradas pelo colonizador. A autora frisa, em seu livro *Memórias da plantação: Episódios de racismo cotidiano*, que: “não é somente uma imensa, mas também urgente tarefa descolonizar a ordem eurocêntrica do conhecimento.” (Kilomba, 2019, p. 53)

Pensar no modelo de gênero vigente é, inevitavelmente, pensar em sua realidade colonial. Lugones (2020), em seu ensaio *Colonialidade e gênero*⁶, tece uma análise do que ela chama de “sistema moderno-colonial de gênero” (2020, p. 52), a partir de uma linha conjunta entre duas formas de pensamento: as concepções feministas sobre gênero, raça e colonização, que destacam o elemento da interseccionalidade; e a ideia de ‘colonialidade do poder’, teorizada por Aníbal Quijano. Lugones (2020) justifica que colocar o sistema de gênero como ‘colonial/moderno’ permite que suas análises observem a real profundidade das imposições coloniais e “seu alcance destrutivo” (2020, p. 52).

Considerando o dito alcance destrutivo do sistema de gênero colonial, urge a necessidade do rompimento com o pensamento europeu, colocado como lógico em todos os sentidos e privilegiado de saberes e práticas sociais. A autora pondera ainda sobre as configurações de gênero na sociedade colonial e conclui que “não é necessário que as relações sociais sejam organizadas em termos de gênero, nem mesmo as relações que se consideram sexuais” (2020, p. 54). Apesar disso, comenta ainda que, uma vez que é assim que ocorre, não

⁵ Inicialmente publicado no ano de 1952, de autoria do pensador francês Frantz Fanon.

⁶ In: HOLLANDA, Heloisa Buarque de (org.). *Pensamento feminista hoje: perspectivas decoloniais*.

seria de modo algum necessário que essa organização fosse “heterossexual ou patriarcal” (2020, p. 54).

Logo, reflito sobre a relação direta entre decolonialidade e gênero dissidência. É possível considerar que as identidades sexuais e de gênero que fogem ao modelo padrão fogem, por conseguinte, aos ideais coloniais?

A partir dessa pergunta, penso ser importante inicialmente refletirmos sobre o surgimento de um modelo de pensamento que levantou ainda mais as discussões que envolvem as categorias de gênero e sexualidade, na década de 1990, propostas por Judith Butler em seu livro *Gender Trouble: Feminism and the Subversion of Identity* (1990). A publicação deste livro serve como importante passo para os estudos de gênero, dando grande destaque a um campo de pesquisa emergente discutido por alguns e algumas poucas teóricas anteriores: a teoria queer.

Judith Butler, em seu livro *Problemas de gênero: Feminismo e subversão da identidade* (2018), modifica o modo de se pensar as teorias feministas até então discutidas. Indo de encontro às prescrições da época, Butler problematiza a forma de se pensar o feminismo – e seu sujeito – tomando por centro as mulheres, tais como as conheciam e as definiam à época.

Butler (2018) reflete uma possibilidade possível para justificar seu pensamento: a construção de uma categoria rija e estática de ‘mulher’ não traria por consequência, justamente, a reafirmação das relações patriarcais de gênero? (2018, p. 20). Assim sendo, reclama que a solução seja, talvez, a concepção de identidade como elemento variável:

Se a noção estável de gênero dá mostras de não mais servir como premissa básica da política feminista, talvez um novo tipo de política feminista seja agora desejável para contestar as próprias reificações do gênero e da identidade — isto é, uma política feminista que tome a construção variável da identidade como um pré-requisito metodológico e normativo, senão como um objetivo político. (2018, p. 20)

Nessa concepção, se o sujeito do feminismo não é mais o elemento estático de mulher, outras identidades podem também ser definidas de modo variável. Como destaca Figueiredo (2018), essa concepção incluiria “não só as lésbicas como também os transexuais e os intersexuais” (2018, p. 41) A partir dessa perspectiva e do destaque às discussões que envolvem a categoria variável de gênero, Butler surge de modo a contribuir para o pensamento de uma ‘teoria queer’.

A palavra ‘queer’, de acordo com Pedroza e Diniz (2022), foi inicialmente utilizada de forma pejorativa para se referir a alguém, nos países de língua inglesa, que “era considerado como estranho, além do rebanho, justamente para delimitar o que não deveria ser seguido” (2022, p. 80). A transfiguração de sentido acontece quando uma comunidade de não-conformistas às normas requer para si o direito de ser *queer*. Como as autoras ainda colocam, o uso dessa expressão ocorre também a partir da década de 1990 como forma de se contrapor à violência sofrida e expor as questões enfrentadas pela comunidade, de modo a se reapropriar dessa narrativa (2022, p. 81).

Como discute Alós (2021), as questões levantadas pela teoria queer e pelos estudos pós-modernos sobre feminismo, gênero e sexualidade naquela época colocaram em destaque a comunidade trans e suas especificidades. Com essas questões levantadas, abre-se, em teoria, um espaço possível de estudo às especificidades da comunidade trans. Espaço possível porque, de certo modo, pouco ainda se falava sobre as produções, contribuições e demandas dessas pessoas na época, seja na mídia ou no próprio campo acadêmico-teórico. Ainda hoje, pessoas trans vivem sob uma constante sombra de invisibilidade e marginalização. Isso se dá porque a elas é imposto um modelo padrão, eurocentrista e falocêntrico de gênero, lugar esse em que todo caminhar desviante se torna inimigo do sistema vigente.

De modo jocosamente absurdo, ainda hoje é possível perceber a sombra de invisibilidade que paira sobre as produções de autores que fogem ao modelo de gênero normativo, assim como acontecia há 35 anos. Isso acontece porque, como declaram Tenório e Palhano (2022) “em nosso país, o hegemônico sistema ideológico branco-ocidental-judaico-cristão materializou valores ao longo da história em que as categorias de gênero, heterocisnormativas e machistas, eram fundantes” (2022, p. 79). Apesar das reflexões trazidas por Butler sobre as categorias de gênero em 1990, nos dias atuais ainda é possível perceber a imposição do modelo social padrão que fundou a sociedade brasileira.

Considerando essas questões e, na tentativa de tracejar um caminho que conecte a teoria queer ao conceito de decolonialidade, Pereira (2015) toma por necessário articular uma explicação inicial sobre o conceito de “decolonizar”. O autor define que a ação significa o afastamento da lógica colonial ‘e de seus efeitos’; é o desapego da ideia única de prestígio europeu e o desapego total ao eurocentrismo (2015, p. 415):

Decolonizar é se depreender da lógica da colonialidade e de seus efeitos; é desapegar-se do aparato que confere prestígio e sentido à Europa. Noutras palavras, decolonização é uma operação que consiste em se despegar do

eurocentrismo e, no mesmo movimento em que se desprende de sua lógica e de seu aparato, abrir-se a outras experiências, histórias e teorias, abrir-se aos Outros encobertos pela lógica da colonialidade – esses Outros tornados menores, abjetos, desqualificados. (2015, p. 415)

Pereira (2015) explica ainda que um pensamento se aproxima do outro, ao passo que “ao se abrir a outras lógicas, ao reivindicar a importância e magnitude desses pensamentos-outros, ao desconfiar das Teorias, apostando na multitude de teorias e corpos” (2015, p. 415) os dois pensamentos em muito se aproximam.

O autor é capaz ainda de perceber as suspeitas que surgem na aproximação dessas teorias: apesar de serem ambas espaço para a abertura e propagação de pensamentos-outros, alega-se que a teoria queer em muito se aproxima às teorias formuladas no ‘Norte Global’. Comenta, ainda, sobre o próprio termo *queer*, que roda o mundo e preserva sua língua colonial, o que demonstraria exatamente a valorização de um conhecimento que o pensamento decolonial busca se afastar. É presumível a ideia de que um modelo de pensamento nessa linha, ou seja, aquele que renega qualquer tipo de conjuntura europeia e colonial de princípios, renegue, também, a aproximação com uma teoria que leve por nome um termo inegavelmente controverso, como discute Pereira (2015):

A desconfiança deve-se à alegada proximidade da teoria queer com a teorias formuladas nos países do Norte Global. O próprio termo queer, cuja dificuldade de tradução faz com que viaje aos mais diversos lugares conservando-se em inglês, sinalizaria uma geopolítica do conhecimento à qual o pensamento decolonial deseja se contrapor. (2015, p. 416)

A desconfiança surge também do outro lado e, teóricos e pensadores queer, como o mesmo autor aponta, suspeitam de teorias e modos de pensar que desconsiderem a realidade (quebradiça, decolonial, revolucionária, subversiva) do pensamento queer:

Por sua vez, a teoria queer também suspeita de usos identitários reificados, de propostas não atentas às questões de corpo e sexualidade e de um enquadramento geopolítico que olvide que a teoria queer se originou como pensamento inconformado de corpos inconformes que, desde os primeiros momentos, assumiu para si, de forma orgulhosa, um insulto atribuído às partes consideradas abjetas, desprestigiadas. (Pereira, 2015, p. 416)

Apesar dos inevitáveis desencontros, existem aproximações possíveis ao se pensar na forma como a decolonialidade reflete sobre o gênero, como concebido atualmente, enquanto

produto direto da colonização. O autor reflete ainda que se o cânone mundial é eurocentrado, branco e heterossexual, o queer surge na renegação desse lugar, enquanto o pensamento decolonial denuncia a universalidade dessas ideias (Pereira, 2015, p. 416).

Na negação desse lugar, o queer abre caminhos para o fortalecimento de identidades de gênero que fogem ao ideal colonial, questão essa que considero essencial para o melhor enfrentamento às questões sociais experienciadas por essa comunidade.

Considerando o mundo eurocentrado e a colonialidade, Sérgio Ferreira (2022), em seu artigo *Problematizando os Estudos das Masculinidades: A Perspectiva Transmasculina nas Pesquisas Brasileiras*, publicado na Revista *Cadernos de Gênero e Diversidade*, apresenta as reflexões de Hounng Nguyen, a partir das colocações de Gottzén e Straube (2016).

Ainda do ponto de vista da colonialidade, Huong Nguyen destacará que descolonizar as masculinidades trans é fundamental, pois distintos entendimentos das práticas de gênero enquanto corporificação daqueles que estão em não-conformidade com a norma possuem especificidades locais que variam fortemente dependendo do contexto nacional e regional. (Gottzén; Straube apud Ferreira, 2022, p. 83)

Assim sendo, penso ser importante considerar as duas formas de pensamento para refletir sobre o processo decolonial que é a quebra com o padrão normativo de gênero. A partir disso, então, torna-se possível pesquisar o campo literário dentro do recorte das transmasculinidades e, em específico, pensar na construção da obra aqui analisada.

Com isso em mente, a investigação de uma *literatura transmasculina* esbarra nas reflexões levantadas por Alós (2021), que identifica que a escassez de visibilidade no campo específico dos estudos literários pode ocorrer como consequência do caráter interdisciplinar das pesquisas em volta do tema e dos diferentes alinhamentos teóricos. A questão é: não importa para que lado se vá, as filiações ocorrem sempre em grupos que conectam ainda pautas outras, o que acaba por diluir as especificidades dos estudos trans nas categorias de feminismos, gênero e sexualidade:

Uma das justificativas para a diluição do conhecimento produzido deve-se ao caráter marcadamente interdisciplinar da pesquisa em torno das questões trans, bem como em função das diferenças de alianças e estratégias epistêmicas adotadas pelos pesquisadores. Não raro, os pesquisadores do assunto afiliam-se a grupos feministas e/ou queers com amplas agendas de interesse, fazendo com que a especificidade dos estudos sobre literatura e cultura trans diluam-se no campo mais específico das teorias feministas, dos estudos de gênero e sexualidade e de grupos de pesquisa mais alinhados com investigações em

torno de questões gays e lésbicas em outros campos disciplinares, tais como a psicologia, a comunicação, a educação e a história. (Alós, 2021, p. 19)

Nos poucos estudos literários que analisam obras de autores transmasculinos, Alós (2021) cita a qualidade dessas ‘análises literárias’. Considerando em específico a obra de um autor, que se reafirma enquanto homem trans mesmo na década de 1980, João W. Nery, Alós (2021) percebeu que o autor se tornava, na verdade, “objeto nos artigos que se dedicam direta ou indiretamente à sua produção literária” (Alós, 2021, p. 17). Isso significa dizer que, como ele ainda coloca, as narrativas de Nery deixam de ser consideradas os objetos de análise – logo, não são considerados aspectos formais de sua escrita, suas características e qualidades como escritor – e o valor todo da investigação se volta exclusivamente ao que é narrado sobre a vida do autor (Alós, 2021, p. 17). Nisso, o autor menciona um exemplo ocorrido:

Veja-se, como exemplo desse tratamento, o artigo de Guilherme Almeida (2012), publicado na revista Estudos Feministas, que reduz monumento a documento, tomando a produção de Nery quase que exclusivamente como fonte de dados biográficos do autor, sem se preocupar com a construção linguística e literária dessa produção. (Alós, 2021, p. 17)

Considero importante, claro, tratar do contexto de produção da obra estudada no presente trabalho. Isso significa dizer que acredito sim ser necessário utilizar da obra autobiográfica para apresentar o autor e sua realidade a quem interessar a leitura dessa análise. O que busco fazer aqui é não a reduzir a isso, pensando também em aspectos teóricos que façam sentido de serem considerados em conjunto.

Na consideração dessa pesquisa, surge como importante ponto o destaque da realidade enfrentada pelo próprio gênero literário da obra escolhida para investigação: a autobiografia. Alós pontua que “[...] – a autobiografia e o depoimento memorialista, quase testemunhal – não raro sejam vistos como gêneros literários menores ou de pouca monta pela crítica literária” (Alós, 2021, p. 17).

Lejeune (2008) traz uma definição que considero importante destacar sobre a autobiografia: “narrativa retrospectiva em prosa que uma pessoa real faz de sua própria existência, quando focaliza especialmente sua história individual, em particular a história de sua personalidade” (2008, p. 49). Apesar de considerar, posteriormente, que essa definição apresenta alguns problemas conceituais, Lejeune reflete que não se arrepende de tê-la escrito, já que se tornou, de certa forma, uma referência, o que acaba por justificar sua existência.

A ideia de ‘prosa’, anteriormente colocada como regra para definição de autobiografia, se revela unicamente enquanto resultado da pouca produção de obras autobiográficas que fugissem de um narrador e chegassem aos caminhos de um eu lírico. Ao analisar versos de um ‘romance-poema’, Lejeune (2008) reflete que “eliminar tais textos em nome de uma “definição” seria uma atitude bem derrisória” (2008, p. 64).

Acredito ser importante definir também que considero tanto a primeira parte de *A queda para o alto, Depoimento*, quanto a segunda parte, *Poemas*, enquanto escrita autobiográfica. Apoio-me no próprio Lejeune (2008) para conceber essa afirmação, quando ele diz que “[...] “autobiografia” pode designar também qualquer texto em que o autor *parece* expressar sua vida ou seus sentimentos, quaisquer que sejam a forma do texto e o contrato proposto por ele” (2008, p. 53). E *parece* por considerar que, mesmo nos textos memorialísticos, não existe dever por parte do autor de ser completamente fiel aos fatos, aos sentimentos ou à memória em si. Todos esses elementos podem (e costumam) sofrer alterações, por diversos fatores.

Escrever sobre si é preservar sua memória – e sua existência. É ato de resistência de quem tem sua vida apagada ou jogada à margem. Por isso, com o propósito de manter viva a memória, considero necessário dar ouvidos àqueles que desejaram e desejam falar de si, especialmente porque a regra é não o fazer.

É curioso pensar em como o sistema colonial funciona de forma a fazer com que toda produção, intelectual ou artística, que fuja de suas normas, seja prontamente escanteada. Apesar de colocadas à margem, essas obras têm forte poder, por reivindicarem o direito à contação da própria história e por manterem, ainda assim, como é o caso da obra de Anderson Herzer, grande força política e poética.

Com o propósito final de refletir sobre seus poemas, considerando os elementos acima comentados, sigo para o terceiro e último capítulo deste trabalho.

3 *MEU MOMENTO CRÍTICO*

Meu momento crítico é título de um dos poemas de Herzer, publicado na página 219 de seu livro. Escolhi esse título para iniciar o capítulo pela vontade de relacionar diretamente o momento de reflexão crítica de Herzer ao meu: enquanto ele pensava e escrevia sobre questões sociais e políticas de seu contexto, penso e escrevo aqui o mesmo, relacionando tudo isso a sua obra.

Antonio Candido, em seu livro *Literatura e Sociedade* (2006), discute sobre a relação direta entre esses dois elementos: a literatura e a sociedade. Em sua obra, Candido (2006) define que não se deve separar a produção literária de seu contexto, mas interpretá-los de modo conjunto. Desse modo, os elementos pessoais e sociais se inter cruzam:

Sabemos, ainda, que o externo (no caso, o social) importa, não como causa, nem como significado, mas como elemento que desempenha um certo papel na constituição da estrutura, tornando-se, portanto, interno. (Candido, 2006, p. 13)

A partir disso, reflito sobre como a obra de Herzer não pode ser analisada fora do contexto social e político em que ele escrevia: na década de 1980, dentro de um contexto familiar desestruturado, com questionamentos conflitantes acerca de seu gênero – e sexualidade, em uma realidade de classe desfavorecida, na condição de menor interno de unidades de reabilitação socioeducativa – que não tinham nada de reabilitadoras ou de socioeducativas. O que Herzer pôde escrever foi reflexo de sua visão acerca da sociedade e da realidade que viveu. No poema que dá título a esse capítulo, o autor tece comentários admiravelmente lúcidos para sua pouca idade e condição de vida:

Meu momento crítico

Os homens de hoje não se preocupam mais com
problemas da humanidade!

E, nesses “problemas”, incluo todo tipo de pessoas:
débeis mentais, mutilados, homossexuais, epiléticos,
alcoólatras, enfim.

Esses tipos de pessoas deixaram de ser considerados
gente, e passaram a ser, simplesmente, *defeitos da*
humanidade.

Mas, se esses “defeitos” são vistos por todos, quem restará para ver os defeitos do homem de negócios, que vende o seu nome, num palco chamado Orgulho, e que critica a todas as pessoas em voz alta e pública, e que isola-se do mundo, com se ele fosse o pedaço de pão nosso dia a dia?

Mas, se os homens normais são tão sábios e bons, por que não foram registrados desde o nascimento com o nome Jesus?

— Por que Jesus tem olhos e vê os erros dos homens hipócritas...
(Herzer, 2023, p. 219)

É possível observar que o autor reflete, principalmente, sobre o papel desempenhado pelos “homens” na sociedade. Apesar de ser uma leitura possível, não acredito que “os homens” os quais Herzer se refere sejam unicamente indivíduos do sexo masculino. Os homens, aqui, dizem respeito a toda uma conjuntura social, claramente patriarcal, mas também des preocupada com os conceitos de classe, raça, sexualidade, de condições mentais, de deficiências físicas e de questões de vício.

Herzer apresenta a forma como ele percebe o tratamento recebido por pessoas desviantes, como ele, e reflete que essas pessoas são jogadas à margem, escanteadas e então lidas e percebidas não enquanto sujeito que são, mas unicamente enquanto *defeitos da humanidade*, que precisam de correção, mas ao mesmo tempo não encontram ninguém preocupado o suficiente para servir nesse auxílio.

O autor revela ainda a hipocrisia latente daqueles que mesmo se julgam como “sábios e bons” (Herzer, 2023, p. 219): se são capazes de perceber aqueles definidos enquanto *defeitos da humanidade* e não se preocupar, como verão, então, seus próprios defeitos? Ou melhor, como verão suas falhas e agirão sobre sua melhora? Com essas reflexões iniciais sigo, então, com o *meu momento crítico*.

Antes de analisar mais profundamente os poemas reunidos na *Parte II* do livro, considero importante voltar o olhar ao poema intitulado *A gota de sangue*, trazido no início de sua escrita, antes até da primeira parte da obra. Quero refletir sobre os sentidos construídos a partir do uso do poema a seguir, em específico, para revelar seu livro:

A GOTA DE SANGUE
Eu decaí, eu persisti

tentei por todos os meios ser forte.
 Lutei contra o tempo,
 chorei em silêncio
 gritei seu nome ao vento.
 Sou filho da gota
 fui templo de miséria
 meu pai, um perdido
 minha mãe, a megera.
 Cresci vendo prantos,
 dormi em meio à mata
 chorei gotas sanguíneas
 sou o pecado, sou a traça.
 Eu ouvi um grito de desespero,
 vi a lenta corrupção,
 vi olhar do corruptor,
 vi uma vida na destruição
 eu vi o assassinato do amor.
 Tentei, venci, a vitória conquistei
 porém um dia faleci.
 Hoje estou em sua lembrança
 eu sou a alma oculta
 e serei sua esperança

Anderson Herzer

(Herzer, 2023, p. 27-28).

A apresentação inicial traz ao leitor um resumo de sua história contada ao longo das páginas seguintes de narração. Se retornarmos ao poema ao fim da leitura da obra na íntegra, é possível perceber que certos versos são construídos e contados a partir de situações específicas da vida de Herzer. Sua infância, família e realidade enquanto interno na FEBEM nos são reveladas já em sua abertura, mesmo que não seja possível compreender todos esses elementos em uma primeira leitura.

No trecho “meu pai, um perdido / minha mãe, a megera.” (Herzer, 2023, p. 27), não é possível saber se Herzer faz referência aos tios, que mais tarde o adotaram, ou aos seus pais biológicos. Na primeira parte do livro, *Depoimento*, o autor nos revela que não tem lembranças de seu pai biológico, apenas a memória de seu velório: “Eu e minha irmã, em cima de duas cadeiras, ajoelhados, olhando o corpo de meu pai em seu caixão” (2023, p. 32). Já sua mãe, descrita por ele como “uma mulher vulgar” (2023, p. 33), pode ser considerada a mesma a qual ele se refere no poema enquanto “megera”. Esses encontros de sentidos

relacionados entre a primeira parte do livro, de sua autobiografia em prosa, e a segunda parte, que reúne seus poemas, nos revela o caráter plural dos escritos autobiográficos: independentemente de sua estrutura, fica claro que o autor “teve a intenção, secreta ou confessa, de contar sua vida, de expor seus pensamentos ou de expressar seus sentimentos” (Lejeune, 2008, p. 53).

Herzer comenta que traz esse poema de abertura, na qual se transfigura, para se apresentar a quem o lê. Sua transgressão ocorre como explica Neves (2023):

É válido mencionar que a apresentação primeira de Herzer ao seu leitor se dá através de uma de suas poesias e, diferentemente dos demais autores, que fazem uma apresentação de si mais formalizada, ele afirma se transfigurar – e me parece que ele consegue fazê-lo, como que brincando com as palavras e criando uma máquina do tempo –, sendo capaz de se ver no passado, no presente e no futuro, conduzindo para que eu me veja nele e ele em nós, enquanto comunidade transmasculina, revelando-nos [...] (2023, p. 25)

Reflito sobre a realidade de constante metamorfose de Herzer, ao relacionar para si a ideia de *transfiguração*, trazida por ele próprio (2023, p. 27), de *transformação*, apresentada por Suplicy (1982, p. 12) e de *transgressão*, como eu aqui coloco. À todas essas palavras é atribuído o sentido de mudança, seja de si próprio, no sentido físico ou mental, seja na mudança de comportamento para aquilo que foge do que é norma, do que é padrão, como no caso de *transgressão*.

No processo de *transfiguração* de Herzer, destaco um ponto: as constantes recusas em ceder seus escritos e a continuidade de seu processo de escrita independente das circunstâncias que a vida tomava, a seu modo, *transfiguram* a realidade esperada. Digo *transfigurar* a realidade por compreender que a conjuntura social vigente não tolera a ideia de dar tanta autonomia – no sentido de permitir a escrita, publicação e o sucesso alcançado – a um autor que escreve de si, principalmente quando esse ‘si’ é um corpo dissidente. Como discorre Marcus Salgado (2018): “A expectativa do biopoder⁷ é de que as narrativas advindas desses corpos enunciadores sejam recobertas por essa crosta densa de silêncio e a escrita de Herzer rompe esse silêncio predeterminado” (2018, p. 21). O autor ainda reflete que, é no esforço colocado contra o silenciamento, seja “tanto aquele impingido verticalmente pelo

⁷ “Em resumo, biopoder refere-se a uma técnica de poder que busca criar um estado de vida em determinada população para produzir corpos economicamente ativos e politicamente dóceis” (Bertolini, 2018, p. 87)

biopoder, como aquele experimentado nas fissuras traumáticas da subjetividade” (Salgado, 2018, p. 21), que se constrói a poesia de Herzer.

3.1 A dança do corpo: despedidas ltuosas e amores transgressores

A ideia de ancestralidade, dentro da cosmovisão africana, se revela enquanto uma das mais importantes concepções filosóficas e metafísicas do continente. A ideia de que somos diretamente responsáveis por aqueles seguintes, e, também descendentes diretos, mesmo que não iguais, daqueles anteriores, é ponto chave da concepção ancestral africana (Martins, 2003, p. 75). Essa concepção não se restringe ao elemento concreto de indivíduo: inclui, ainda, “as divindades, a natureza cósmica, a fauna, a flora, os elementos físicos, os mortos, os vivos e os que ainda vão nascer” (2003, p. 75). Todos relacionados de modo direto para o perfeito funcionamento evolutivo dos cosmos.

Ainda nessa percepção, o mesmo fio condutor de pensamento guia “o tempo, a ancestralidade e a morte” (2003, p. 75). No constante processo de transformação da vida, o “Nascimento, maturação e morte tornam-se, pois, contingências naturais, necessários na dinâmica mutacional e regenerativa de todos os ciclos vitais existenciais.” (2003, p. 75). Trago essa visão para pensarmos diretamente no elemento da *morte*, bastante destacado na obra de Herzer, enquanto parte constituinte não só de sua vida e sua escrita, mas de todo um processo conjunto em que o corpo dissidente toma lugar.

O pensamento colonial, eurocêntrico, costuma ver a morte de outra maneira. Do ponto de vista do catolicismo, por exemplo, a morte é compreendida enquanto apenas uma *passagem* do mundo corpóreo para o mundo das almas, lugar onde se vive toda a eternidade e, a partir de seus feitos em terra, decidido se viverá as *graças eternas* ou não.

Herzer, em seus poemas, nos mostra a visão religiosa que seguiu em vida. Nos trechos [...] Mas agora você me perdoou, te vejo em todos os cantos / – Deus, você é eterno, não é mito, nem poesia.⁸; [...] e que sua vida Deus vai levar / explique a Ele o porquê da vida e morte / tenha certeza, Ele vai te perdoar.⁹; [...] eu ainda escrevo, Jesus Cristo, eu te amo ¹⁰. É possível perceber as reverberações de suas crenças na voz do eu lírico.

⁸ *Meu eterno crucifixo*, p. 192.

⁹ *Prostituição e o fim da vida*, p. 226.

¹⁰ *Trovas*, p. 227.

Apesar da crença cristã, a propagação de um discurso que pode ser alinhado à ideia de ancestralidade é presente em seus poemas. Em *A canção da saudade... eterna*, Herzer escreve para seu falecido pai, Pedro Peruzzo, o seguinte trecho:

A Canção da saudade... eterna

A Pedro Peruzzo

[...]

Fiquei tão contente quando soube que eras boêmio,
e que cantava na madrugada, quando alguém pedia
por isso eu sinto, não estamos distantes e sim unidos
na canção triste, na poesia, na madrugada, na boemia.
E se alguém me perguntar por que canto na noite
direi apenas que canto a alguém que não verei jamais,
canto o amor e a saudade que do meu peito sai
canto chorando ao adeus mudo, de meu eterno pai.

São Paulo, 5 de agosto de 1980.

Antes de analisar esse trecho, gostaria de destacar algo que considero importante deixar claro. Os poemas de Herzer podem – e devem – ser compreendidos enquanto altamente autobiográficos. Falo de eu lírico por convenção. Falo para que minha escrita se alinhe ao molde de uma análise teórica convencional do gênero textual poema; mas a voz que fala no poema acima, e na maioria dos outros – só para não dizer que em todos –, é de Herzer. O autor não é apenas parte de sua narrativa ou parte de sua poética: é, de corpo inteiro, sua narração e sua própria poesia.

Nos dois primeiros versos do trecho, é possível perceber o uso de verbos conjugados em tempo passado: “eras”, “cantava” e “pedia”. Essa característica morfológica serve para frisar a realidade lutuosa enfrentada pelo eu lírico. Ao compreender que os verbos que fazem referência a seu pai somente podem se concretizar em uma realidade passada, o autor, no terceiro verso, escreve “não estamos distantes e sim unidos” (2023, p. 195), aproximando sua realidade, então presente, à realidade passada de seu falecido pai. Nesse movimento, Herzer afirma: “canto na noite”, em contraposição direta ao “cantava na madrugada”, de Pedro Peruzzo. Esses encontros revelam a ligação não só de vocações para música, poesia, madrugada e boemia, como o autor mesmo coloca, mas também a forma como o tempo e a fatalidade da morte não se encarregaram do trabalho de separar aqueles conectados pelo

sangue. O legado de Peruzzo se mantém vivo através de Herzer e o dele chega aos dias de hoje através de sua escrita.

A morte, em seus poemas, para além desse sentido de relação com quem já se foi, toma também outras representações. Como pontua Salgado (2018), alguns dos poemas de Anderson Herzer possuem “até mesmo uma dimensão premonitória sobre a própria escrita da vida” (2018, p. 20). Isso significa dizer que alguns de seus escritos possuíam um forte pressentimento de morte, “como se o poema se convertesse em espaço especular prenunciador do mergulho final” (2018, p. 21): de sua última *queda para o alto*.

Da representação do sofrimento, saudade e luto referentes à morte, esse elemento acaba por se tornar em sua escrita fonte de desejo proibido, como é possível de perceber em [...] eu jamais teria duvidado e me matado. / Me matei num sonho rouco¹¹; [...] Na flor das noites de sangue / eu parto sem chorar dor¹²; [...] E neste mar me afundo sem tentar me socorrer / as ondas já me enlaçam e, / ...só assim pude viver / Morto, para jamais lembrar de te esquecer.¹³

Em *Esquecido poeta morto*, apesar do título trazer uma percepção negativa, como discute Moura (2024), sobre o sujeito poético, “o poema elabora uma história de esquecimento e de encontro” (2024, p. 172). O poema é estruturado em duas estrofes, uma com 28 versos e a outra com apenas 2, da qual Moura (2024) define enquanto estrofe ‘dística’. Abaixo, trago um recorte do poema, com o objetivo de comentar alguns trechos.

Esquecido poeta morto

Todos vão esquecer que um dia eu existi
nem meus vastos prantos vão sobreviver,
versos com poeira de minha razão
sãs lembranças de um poeta solidão. [...]
E se nos céus ver nuvens negras durante o dia
é que de tanto não ser ouvido, adormeci
é que de tanto lhe alertar antes do erro
me fiz penumbra, pois outra vez me iludi. [...]
E dos meus poemas empoeirados, serei luz
a todo homem que esqueceu de me lembrar,
serei figura, imagem oculta, já a reinar
nos céus sozinho, depois de tanto aqui chorar.

¹¹ *Meu eterno crucifixo*, p. 192.

¹² *Estado psicológico*, p. 205-206.

¹³ *Um além para este amor*, p. 221-222.

*UM HOMEM JAMAIS MORRE, ENQUANTO
SUA EXISTÊNCIA FOR RECORDADA.*

Separo três trechos do poema para análise: os versos finais, iniciais, e alguns versos do quase-meio. O primeiro verso inicia com uma afirmação profunda: todos esquecerão do sujeito poético. O autor reconhecia a posição que seu corpo ocupava socialmente e sentia que, apesar de seus esforços, cair no esquecimento seria seu destino final. Tornar-se-ia, então, o *esquecido poeta morto*, do qual não sobraria nem seus prantos, nem suas lembranças transcritas em versos. A morte, aqui, é relacionada diretamente com o esquecimento.

Do quinto ao oitavo verso, chamo de quase-meio. É onde o autor relaciona o fenômeno natural do temporal durante o dia com o descanso daquele que não é ouvido. É na metáfora de “se fazer penumbra” que o eu lírico se esconde do dia, da chuva penosa, daqueles que não lhe dão ouvidos. É no adormecer da penumbra que ele se esconde da vida. Aqui, a morte é silenciamento.

Os últimos quatro versos da primeira estrofe são desafiadores. Não digo que minhas análises anteriores são a única forma de compreensão dos poemas apresentados: são unicamente interpretações pessoais e observações tecidas a partir de uma visão minha. Mas, nesse trecho, quero deixar isso ainda mais claro. Isso porque já pensei em reescrevê-lo diversas vezes, pela incerteza de não saber se de fato compreendendo minimamente o que Herzer quis me contar.

Inicialmente, interpretei que, do nono ao décimo segundo verso, o autor refletia ser luz de seus poemas, já há tanto esquecidos que se tornaram empoeirados. E a todos os que perpetuaram o esquecimento de si, pôde apenas se colocar enquanto figura desconhecida, descansando nos céus, pós vida. Reescrevo aqui o trecho para que seja mais fácil a observação:

[...] E dos meus poemas empoeirados, serei luz
a todo homem que esqueceu de me lembrar,
serei figura, imagem oculta, já a reinar
nos céus sozinho, depois de tanto aqui chorar.
(2023, p. 209)

Algo não parecia fazer sentido na minha interpretação. Foi então que pensei que talvez o “dos”, logo ali no começo do verso, significasse “a partir de” e não “para os”. Logo, o sentido muda. Se antes ele era luz para os poemas empoeirados e esquecidos, agora, na

verdade, *a partir* desses poemas, torna-se inesquecível, torna-se luz. Aqui, a vida são seus poemas, lugar em que a morte do esquecimento não chega.

Essa morte descrita quase sempre toma como referencial final o esquecimento. A transgressão a essa norma ocorre quando o próprio autor, na segunda estrofe, reflete que mesmo na morte é possível se fazer vivo: basta apenas ter sua existência recordada.

Para Herzer, a memória é elemento de grande importância. É nela que se mantêm viva a vida e a poesia. Assim, é possível compreender a quantidade de poemas escritos sobre seus romances em vida. O autor, por não querer condenar à morte seus amores que não vingaram, opta por escrever também sobre eles, numa dança por entre os fios bambos da lembrança. Alguns desses seus poemas condizem tão bem com a temática do *amor*, a qual se propõem, que podem ser definidos categoricamente, como apresenta Salgado (2018):

Assim, entre os poemas de Herzer há aqueles que se comportam esteticamente de forma estável ao ponto de se poder acondiciona-los em categorias igualmente estáveis, como a lírica-amorosa (“Você, sempre você”, “Canto de amor”, “Mar do amor eterno”, “Caminhos do perdão”) e a erótica (“Sedução”, “Poesia-passagem”). (2018, p. 19)

Nisso, considero importante dar destaque ao elemento dos afetos românticos, representados nos poemas de Herzer de diversas formas: enquanto saudade, lembrança, desejo, paixão, superação, resistência e tantas outras. Importante também é destacar que, apesar do óbvio teor político que seus envolvimento amorosos eram revestidos, dada a característica contextual da sociedade em que se desenvolveram, os poemas aqui analisados não devem ser considerados apenas enquanto um projeto de denúncia ou grito de resistência.

Como o eu lírico mesmo diz em *Mataram João Ninguém*: qualquer dia vou despir-me da luta. E, realmente, em muitos desses poemas ele despiu-se de luta e cobriu-se completamente de devaneios. Apesar dos devaneios recorrentes, os poemas dentro desse eixo temático possuem, muitas das vezes, diferenças substanciais. Enquanto alguns trazem a ideia de saudade, outros falam em superação, dor, e há ainda os poemas eróticos, que falam de desejo, sedução.

Como destaca Salgado (2018), Herzer escreve poemas que se encaixam nas categorias *lírico-amorosas*, na *erótica* e, incrivelmente, consegue se firmar também em “grandes tópicos do repertório poético”, no caso do *canto da saudade* (2018, p. 19). Trago essa definição para pensar, dentro desses *núcleos temáticos*, na construção das relações amorosas do autor a partir de seus poemas, por entender a importância de falar não apenas sobre os elementos

constantemente destacados de luta e resistência, mas também sobre o amor experienciado pelo autor em vida e refletido em seus escritos.

Dentro da categoria de lírica-amorosa, destacam-se alguns poemas, citados por Marcus Salgado (2018): *Caminhos do perdão*, *Você, sempre você*, *Mar do amor eterno*, *Canto de amor*. Para além desses, outros títulos também se encaixam nessa categoria; alguns com o tema da saudade predominante, como *A espera*, *Só pra ela voltar* e *Manhã*; outros que falam principalmente sobre a tarefa de esquecer, superar (ou não) um amor, como *Luz vermelha* e *Impossível*.

No poema *A espera*, a voz do eu lírico, já nos primeiros quatro versos, revela o teor que se segue durante toda a estrofe: E lentamente fecho os olhos saudosos / e no encanto noturno, em tua lembrança, adormeço / face exausta, corroída pela saudade / sonhos teus, e neles vago, de madrugada... padeço. No primeiro verso, a utilização do adjetivo *saudoso* para se referir aos próprios olhos demonstra a face melancólica e revestida de saudade que cobre o ponto de vista do sujeito poético. Ao evocar, no segundo verso, a *lembrança*, termina por anunciar o caráter subjetivo e individual da memória, daquele que lembra e sente saudade, e que padece por entre a madrugada. Nos versos seguintes, a voz poética segue na melancolia da lembrança desse amor: Tua voz ecoa na mente e a imagem se embaça, / tal qual a neblina [...]. Aqui, o movimento ondulado da lembrança é reforçado a partir dos verbos *ecoar* e *embaçar*, conjugados no indicativo do presente, em terceira pessoa. *A voz que ecoa* e a *imagem que embaça* são representações fiéis da memória, que não se estabelece enquanto elemento confiável: é, unicamente, representação do que a voz poética viu e sentiu (ou acha que viu e sentiu).

Nos quatro versos que antecedem o verso final, ocorre o que se pode compreender enquanto *anáfora*. Observem os versos a seguir: [...] Venha com garras que eu te amo intensamente / venha sorrindo, minha bela estrela cadente / venha para sempre nos meus braços se guardar, / venha sem medo, / que amando estou a te esperar...

A repetição do verbo *vir*, conjugado no poema no modo imperativo e na terceira pessoa do singular, serve para reforçar os pedidos do sujeito poético. Para demonstrar que anseia com tanto afínco que o outro volte para si, em um retorno a um relacionamento já passado, o autor utiliza a estratégia da repetição do vocábulo *venha*, em uma tentativa de *suplicar sem suplicar*, na esperança de que seu pedido seja atendido.

O recurso anafórico aparece também em outros poemas de Herzer, como é o caso de *Este nosso amor*, escrito e dedicado à Natália do Vale, em que todos os quinze versos iniciam com a expressão "Amo-te".

Já nas poéticas eróticas, Salgado (2018) destaca dois poemas, *Sedução* e *Poesia-passagem* (2018, p. 19), enquanto integrantes dessa categoria. Apesar do comentário fazer referência apenas a esses poemas, outros podem ser percebidos enquanto escritos eróticos. É o caso de *Amordaçado em você* e *Deixe que o amor rasgue seu peito*, que trazem como temática principal o desejo na voz do eu lírico.

Em *Sedução*, o primeiro verso revela uma inquietação presente na voz enunciativa. Uma incerteza se apresenta a partir de um sinônimo: a dúvida. Esse substantivo ronda a escrita e a vida de Herzer como um todo:

E uma dúvida cercava seus próprios desejos,
um embaraço rompia sua quase decisão
e dois braços lhe apertaram por inteiro
e logo eram quatro, entrelaçados, se amando no chão. [...]
(Herzer, 2023, p. 197)

No trecho acima, a dúvida, que cercava seus desejos, some. A solução para o apaziguar dessa confusão acaba por ser, justamente, o saciar dos desejos mais íntimos do autor: o encontro com dois braços que o apertam por inteiro, tornando-se um emaranhado de braços em dobro a se amar. É bonito pensar no afeto aqui como lugar de encontro consigo e com o outro.

No poema, e mais uma vez na escrita de Herzer, a repetição de uma palavra ocorre com o propósito de enfatizar uma ideia. O verbo unir, utilizado em seu gerúndio em três versos seguidos, reforça a ideia de que o próprio verbo já passa: a vontade de juntar duas ou mais coisas: unindo dois corpos [...] / unindo desejos [...] / unindo e libertando [...]. Em seguida, a dúvida vira silêncio, lugar de entrega do amor. Por fim, após o ato de paixão, a realidade da vida retorna ao espaço sagrado construído pelo encontro de corpos: [...] Mas a vida de repente lhe gritou / você para ela novamente se voltou. (2023, p. 197)

Em *Poesia-passagem*, quero destacar inicialmente alguns versos do meio da estrofe, abaixo transcritos:

[...]
Fingindo ser criança, sou seu homem,
e no teu seio perco a minha idade
deitando em nossa cama sou selvagem

menino delirando de saudade.
 E de manhã acordo em teu nudismo
 querendo novamente anoitecer,
 para afagar de vez estes desejos
 que me pintam pras guerras do prazer.
 (Herzer, 2023, p. 207)

Nesse trecho, é possível perceber o motivo pelo qual esse poema se encaixa na categoria erótica. De modo não explícito, mas ainda claro o bastante para se fazer entender, o autor utiliza do verbo *fingir*, no primeiro verso, para evocar, inicialmente, um espaço mental *x* e dele construir um contraponto. Ao ler que o eu lírico *finge* ser criança, o interlocutor revisita em memória todas as particularidades dessa fase, sem ainda compreender o motivo pelo qual o faz. O sentido final se apresenta no segundo verso, ao dizer que se perde a idade em um certo plano, especificado no poema pelo adjunto adverbial “no teu seio”. Aqui, revela-se a intenção da estrutura do primeiro verso: é necessário refletir sobre as singularidades gerais da fase infante, para depois relacioná-las à circunstância do lugar proposto logo em seguida.

Ao pensar nos elementos de infância e de seio, um outro espaço mental é ativado, compreendendo uma única situação possível, nesse caso, obviamente não sexual. O contraponto surge no outro lado do *fingir* e na afirmação do que se realmente é: “sou seu homem”. Com essa declaração, e afirmando ainda depois *perder a idade*, o sujeito poético revela de forma explícita sua ideia. Surge então um outro espaço mental, em que agora é possível relacionar o homem, o seio, e um ato, que passa de inocente à sexual a partir da troca de referente.

O eu lírico segue a comentar sobre sua aventura *selvagem* na cama desse sujeito não explicitado. No quinto e sexto verso desse trecho do poema, aparecem ainda figuras de linguagem que constituem o sentido poético geral do escrito: ao trazer o substantivo *manhã* em um verso o verbo *anoitecer* no verso seguinte, Herzer cria uma relação de antítese, algo que se relaciona diretamente com o contraponto formado a partir do verbo *fingir*, trazido na análise dos primeiros versos.

Além da antítese, a metáfora é também elemento percebido nos versos. A atribuição do sujeito *eu* a um verbo impessoal, como o *anoitecer*, constrói um sentido. Ao dizer que acorda pela manhã em nudismo do outro, o desejo de *tornar-se noite* por parte do sujeito poético reflete a vontade direta de retornar ao momento anterior, da noite passada, e voltar ao deleite do encontro com o corpo do outro.

Um outro elemento que vale destaque no poema *Poesia-passagem*, é a referência à fuga. Os versos [...] e a noite vem chegando pouco a pouco / e sem nem perceber eu já fugi. / Fugi da vida para os teus braços [...] revelam um componente essencial dos poemas, da narrativa e da própria vida de Herzer.

Em sua narração o autor relata suas fugas das unidades educacionais em que passou parte de sua adolescência. Confessa, ainda, o motivo pelo qual, muitas vezes, optava por não fugir ou, se o fizesse, retornava logo após: a liberdade experienciada pelo deleite das relações amorosas que construía ali dentro valia muito mais do que a falsa liberdade que a fuga do espaço físico da Febem proporcionava. A fuga principal, então, não era aquela que chamava atenção da polícia, aquela que se escondia na mata para não ser encontrado: era aquela que se fugia do mundo para encontrar a libertação nas próprias pessoas.

Sobre essa característica da obra de Herzer, Pamplona (2017) discorre em sua tese, *Pedagogias de gênero em narrativas sobre transmasculinidades*:

Sua vida se arquitetou por um imbricado de rotas de fuga. A Fuga marcou insistentemente todos os anos de sua curta existência. Fugiu para chorar a morte da mãe, fugiu de sua casa adotiva para as noites e bares, a fim de enfrentar a dor da ausência de afeto. [...] Suas experiências na FEBEM foram marcadas por inúmeras fugas, idas e vindas àquela instituição, voltas às vezes voluntárias, motivadas por paixões, amores, e pelas conexões ali criadas. (2017, p. 146-147)

O anseio em encontrar novamente algum romance deixado nas Unidades Educacionais por onde passava fazia com que Herzer, por diversas vezes, fugisse de sua liberdade e fosse procurá-la por dentro dos muros da Febem, de modo ironicamente paradoxal.

Por fim, como a mesma autora reflete, fugiu por uma última vez, “ao mergulhar nos mistérios da companheira que sempre o rondou, a qual insistiu em modificar as direções de seu caminhar” (Pamplona, 2017, p. 147). Escolheu aquilo que sempre chamou, numa espécie de presságio sepulcral, e numa escolha talvez não muito individual, mas que não me cabe aqui analisar.

Mas, como Leda Martins reflexiona, *Nas espirais do tempo, tudo vai e tudo volta*¹⁴: e Herzer volta a nós por sua escrita.

¹⁴ (Martins, 2003, p. 75)

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nos espirais desse tempo, as idas e vindas de Herzer ganham novo significado. Em sua primeira chegada até nós, por sua escrita inicial, autobiográfica, tímida e aparentemente contida de vontade, que buscava revelar apenas aquilo pedido por Rose Muraro – a contação de sua história –, o autor aparenta certa resignação. Escreve, pois foi ideia daquela que prometeu a publicação de seus poemas. Não poderia negar-lhe tal pedido, porque isso poderia significar a não publicação de que tanto tinha vontade. Buscou escrever, então, a história de sua vida. Mas, se perdeu no meio do caminho. Como tantos de nós, desviou da rota inicial. Não conseguiu se ater unicamente à escrita de sua biografia: mergulhou, de cabeça, no redemoinho das memórias, *transfigurando* propostas, *transformando* ideias e *transgredindo* aquilo que era esperado de si.

Deu seu salto e pulou de um ponto a outro. Escalando as montanhas desse entre-meio, escreveu sobre sua história e muito além. Escreveu sobre si, revelando aquilo que vinha no avesso, escondido daqueles que não entenderiam. Revelou, no lugar seguro das palavras, sua verdadeira face e adentrou os campos labirínticos da literatura. Escreveu sobre si, mas muito mais: escreveu sobre os amores e as dores que só alguém real, aquele não feito de rascunhos, poderia experimentar.

Nos encontros e desencontros entre vida e morte, entre amor e fuga, Herzer surge enquanto *humano*. Enquanto pessoa real que percebeu que a liberdade fictícia de se ver longe das Unidades Educacionais não era, de modo algum, comparável à liberdade de se encontrar com o outro, com as outras, que de dentro dos muros dessas prisões, proporcionavam a ele uma emancipação muito maior, adquirida pelo descobrimento dos corpos, na dança ritmada das noites. Vai e volta ao mesmo lugar: ao encontro de *si* a partir do outro e de suas relações. Se perde isso, quando liberto das prisões do homem, por consequência de fuga própria ou apreensão policial, decide pelo oposto: quer fugir, na verdade, do mundo de fora, e, se movimentando como uma onda que se curva sobre si, retorna ao ócio de amar por dentro.

Na dança das noites encontra também a morte, companheira fiel de todos os homens. Aquela que não há um único que consiga divorciar. Herzer mostra que, na verdade, não tem esse desejo. É amante leal, que pensa e escreve sobre aquela que lhe persegue há muito tempo. Aqui, a relação começa das idas e vindas da morte. Nas vindas, revela a invisibilidade imputada ao corpo e, nas idas, mostra a nitidez das palavras que, por escritas, tornam-se vivas, imortais.

Assim sendo, a morte final, externa ao mundo literário, que aparenta ser espaço de completa escuridão, lugar por onde não é possível enxergar a luz da existência, vê desenrolar um paradoxo: é dela, da morte final, aquela em que não é possível ver além, em união matrimonial às palavras, escritas e imortais, que Anderson Herzer sobe ao lugar de não-morte, sobe à imortalidade.

Não a imortalidade tão somente dos céus. Mas daquela em que não se morre por estar vivo em memória. Finaliza sua vida em corpo físico mostrando que, ao fim, sempre foi, de corpo inteiro, físico e espiritual, sua narração e sua própria poesia.

REFERÊNCIAS

- ALÓS, Anselmo Peres. *Transitoriedades, transgeneridades, transidentidades: representação e autoria trans na narrativa brasileira*. Revista Brasileira de Literatura Comparada, v. 23, n. 44, p. 9-23, 2021. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/2596-304x20212344apa>>. Acesso em: 09 jan. 2025.
- BERTOLINI, Jeferson. *O conceito de biopoder em Foucault: apontamentos bibliográficos*. Saberes: Revista interdisciplinar de Filosofia e Educação, [S. l.], v. 18, n. 3, 2018. DOI: 10.21680/1984-3879.2018v18n3ID15937. Disponível em: <<https://periodicos.ufrn.br/saberes/article/view/15937>>. Acesso em: 17 mar. 2025.
- BERUTTI, Eliane Borges. Gênero e sexualidade em *A Queda para o Alto*. In: LUGARINHO, Mário César (org.). *Do inefável ao afável: ensaios sobre sexualidade, gênero e estudos queer*. 1. ed. Manaus: UEA Edições, 2012.
- BUTLER, Judith P. *Gender trouble: feminism and the subversion of identity*. 1990.
- BUTLER, Judith P. *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. 16ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2018.
- CANDIDO, Antonio. *Literatura e Sociedade*. 9 ed. Rio de Janeiro: Ouro Sobre Azul, 2006.
- CHAVES, Leocádia Aparecida. *A queda para o alto: a experiência de Anderson Herzer na construção de seu corpo, de seu gênero, de sua sexualidade*. Letras, Macapá, v. 7, n. 4, p. 59-77, 2º semestre, 2017. DOI: 10.18468/letras.2017v7n4.p59-77. Disponível em: <<https://periodicos.unifap.br/index.php/letras>>. Acesso em: 15 de fev de 2025.
- COSTA, Caio Jade P. C. Gouveia. *Marcas sobre o mundo: Nomeações em Anderson Herzer e João W. Nery*. 2022. 132 f. Dissertação (Mestrado) — Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2022. Disponível em: <https://doi.org/10.11606/D.8.2022.tde-27022023-190558>. Acesso em: 06 de jan. 2025.
- FERREIRA, S. R. da S. *Problematizando os Estudos das Masculinidades: A Perspectiva Transmasculina nas Pesquisas Brasileiras*. Cadernos de Gênero e Diversidade, v. 8, n. 1, p. 80–105, 2022. Disponível em: <<https://doi.org/10.9771/cgd.v8i1.42541>>. Acesso em: 18 de mar. 2025.
- FIGUEIREDO, Eurídice. *Desfazendo o gênero: a teoria queer de Judith Butler*. Revista Criação & Crítica, São Paulo, Brasil, n. 20, p. 40–55, 2018. Disponível em: <<https://doi.org/10.11606/issn.1984-1124.v0i20p40-55>>. Acesso em: 16 jan. 2025.
- FRANCO JUNIOR, Arnaldo. *Experiência autoritária e construção da identidade em A queda para o alto, de Herzer*. Revista Brasileira de Literatura Comparada, n. 12, 2008.
- GONÇALVES, Rosângela Teixeira. *Gênero e medida socioeducativa - as jovens dentro e fora da casa*. In: XII semana da mulher, 2015, Marília. XII semana da mulher, 2015. Disponível em:

https://www.marilia.unesp.br/Home/Eventos/2015/xiisemanadamulher11189/genero-e-medida_rosangela-teixeira-goncalves.pdf. Acesso 20 fev. de 2025.

HERZER, Anderson. *A queda para o alto*. 26ª ed. São Paulo: Editora Vozes, 2023.

KILOMBA, Grada. Fanon, existência, ausência. In: FANON, Frantz. *Pele negra, máscaras brancas*. São Paulo: Ubu Editora, 2020.

KILOMBA, Grada. *Memórias da plantação: Episódios de racismo cotidiano*. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.

LEJEUNE, Phillipe. *Pacto autobiográfico: de Rousseau à Internet*. Tradução de Jovita Maria, Gerheim Noronha, Maria Inês Coimbra Guedes. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008.

LUGONES, María. *Colonialidade e gênero*. In: HOLLANDA, Heloisa Buarque de (org.). *Pensamento feminista hoje: perspectivas decoloniais*. Rio de Janeiro: Bazar do tempo, 2020.

MARTINS, Leda. *Performances da oralitura: corpo, lugar da memória*. Letras, n. 26, p. 63–81, 2003. Disponível em: <<https://periodicos.ufsm.br/letras/article/view/11881/7308>>. Acesso em: 18 mar. 2025.

MOIRA, Amara. *De quando elas e eles contam suas histórias: uma breve genealogia das autobiografias trans mostra a potência dessas obras*. Suplemento Pernambuco, Recife, n. 145, p. 4-5, 2018. Disponível em: <<https://www.suplementopernambuco.com.br/artigos/2053-o-que-nos-dizem-as-autobiografias-trans.html>>. Acesso em: 17 mar. 2025.

MOURA, Thales Gabriel Trindade. *Poéticas transmasculinas: de Herzer aos dias atuais*. 2024. Disponível em: <<https://repositorio.ufmg.br/handle/1843/77006>>. Acesso em: 18 de mar de 2025.

NEVES, Benjamin de Almeida. *Autobiografias transmasculinas e literatura social: gênero, memória e a leitura do outro na cultura trans*. 2023, 131 f. Tese (Doutorado em Estudos de Cultura Contemporânea) – Instituto de Linguagens, Universidade Federal de Mato Grosso, Cuiabá, MT, 2023.

PAMPLONA, Renata Silva. *Pedagogias de gênero em narrativas sobre transmasculinidades*. 2017, 336 f. Defesa de Doutorado (Linha de Pesquisa em Educação, Cultura e Subjetividade) - Centro de Educação e Ciências Humanas, Universidade Federal de São Carlos. São Carlos, SP, 2017.

PEDROZA, Yanna Maria L. L. de Alencar; DINIZ, Priscila Ribeiro Jeronimo. *Teoria queer: um espaço revolucionário e decolonial da identidade*. Revista COR LGBTQIA+, v. 1, n. 2, p. 78-89. Curitiba, 2022. Disponível em: <<https://revistas.cceeinter.com.br/CORLGBTI/article/view/520>>. Acesso em: 13 jan. 2025.

PEREIRA, Pedro Paulo Gomes. *Queer decolonial: quando as teorias viajam*. São Carlos: Contemporânea – Revista de Sociologia da UFSCar, v. 5, n. 2, p. 411-437, 2015. Disponível em:

<<https://contemporanea.ufscar.br/index.php/contemporanea/article/view/340/146>>. Acesso em: 15 jan. 2025.

PFEIL, Bruno; LEMOS, Kaio (orgs.). *A dor e a delícia das transmasculinidades no Brasil: das invisibilidades às demandas*. Rio de Janeiro: Instituto Internacional sobre Raça, Igualdade e Direitos Humanos, 2021. Disponível em: <https://raceandequality.org/wp-content/uploads/2021/10/TRANSMASCULINIDADES-BRASIL_FINAL.pdf>. Acesso em: 18 de mar de 2025.

SALGADO, Marcus Rogério. *Do silêncio à vertigem: a escrita autobiográfica de Herzer*. In: Jangada: Crítica | Literatura | Artes, 4(2), 5–25, 2018. Disponível em: <<https://doi.org/10.35921/jangada.v0i8.117>>. Acesso em: 23 de fev. 2025.

SUPLICY, Eduardo. Ela só queria que as pessoas fossem humanas. 1982. In: HERZER, Anderson. *A queda para o alto*. 26ª ed. São Paulo: Editora Vozes, 2023. p. 11-18.

SUPLICY, Eduardo. Prefácio à 15ª edição. 2007. In: HERZER, Anderson. *A queda para o alto*. 26ª ed. São Paulo: Editora Vozes, 2023. p. 09-10.

TENÓRIO, Leonardo Farias Pessoa; PALHANO, Luciano (Luck Yemonja Banke). *Breve histórico das transmasculinidades no Brasil no século XX e início do século XXI*. *Revistas Estudos Transviades*, v. 3, n.5, 2022.